

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

**MATHEUS VELASCO SALVANY**

**PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA: O PODER PÚBLICO E O TURISMO**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2015**

MATHEUS VELASCO SALVANY

PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA: O PODER PÚBLICO E O TURISMO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados e Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos.

Área de Concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Orientadora: Dr. Francisco Agileu de Lima Gadelha

FORTALEZA-CEARÁ

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Salvany, Matheus Velasco.

Pré-Carnaval de Fortaleza: o poder público e o turismo [recurso eletrônico] / Matheus Velasco Salvany. - 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 88 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Gestão de Negócios Turísticos.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Agileu de Lima Gadelha.

1. Pré-carnaval.. 2. Fortaleza.. 3. Turismo.. 4. Produto Turístico.. 5. Poder Público.. I. Título.



**Universidade Estadual do Ceará - UECE**

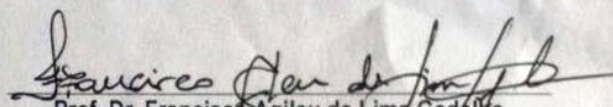
Instituto de Estudos, Pesquisas e Projetos da UECE - IEPRO  
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos

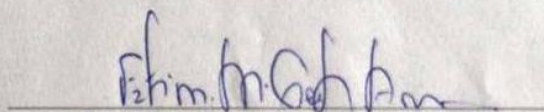
---

## **DECLARAÇÃO**

DECLARAMOS, para os devidos fins e prova, que **MATHEUS VELASCO SALVANY**, aluno do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará – UECE, defendeu em **25 de Maio de 2015** a sua Dissertação intitulada: **“Pré-Carnaval: Gestão Pública e o Turismo”**, obtendo conceito **Satisfatório**.

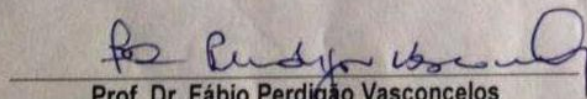
Membros da Comissão Examinadora:

  
Prof. Dr. Francisco Agileu de Lima Gadella  
Presidente/Orientador

  
Profa. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo  
1º Membro

  
Profa. Dra. Berenice Abreu de Castro Neves  
2º Membro

VISTO:

  
Prof. Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos  
Coordenador do Curso de Mestrado Profissional  
em Gestão de Negócios Turísticos

À minha família, ao meu filho Arthur Timbó Velasco Salvany pelo amor e motivação cotidianos, aos deuses momescos pelos carnavais que vivi e ainda espero viver.

“O carnaval é basicamente um movimento diluidor da rebeldia.” (Affonso Romano de Sant'anna)

## RESUMO

No Brasil, o Carnaval é um dos notáveis ritos antropológicos que ajudou a criar a identidade nacional. No Ceará, a evolução desse importante evento de caráter nacional passa, historicamente, pela participação oficial do poder público na gestão da manifestação popular e resulta na criação e oficialização do Pré-Carnaval de Fortaleza. O surgimento dos festejos pré-momescos em Fortaleza deu-se a partir da década de 1980, com o nascimento do bloco “Periquito da Madame”, e chega consolidado e pujante no ano de 2015. O trabalho aborda o envolvimento do poder público no Pré-Carnaval, a relevância turística da manifestação. A pesquisa está alicerçada em análise bibliográfica, entrevistas presenciais com personagens que compõe o imaginário e a produção do Pré-Carnaval como Dilson Pinheiro e Marcos Vinícius de Oliveira, além de análise hemerográfica no jornal O Povo e no jornal Diário do Nordeste, considerando as publicações de 1980 a 2015 e também de pesquisa de campo no território onde se realizam atividades oficiais do Pré-Carnaval. No que se refere a conclusão deste trabalho, constata-se que a insistência das agremiações populares que realizam o Pré-Carnaval constitui-se num óbvio elemento de resistência cultural frente às práticas do setor privado, além de se apresentar como um elemento ímpar ao que diz respeito a diversificação cultural no conjunto da sociedade, o que resulta em um atrativo turístico único no território brasileiro. Percebemos que apesar de ser representado como um atrativo turístico, com elevados dividendos socioculturais, o Pré-Carnaval não é gerido como tal. O distanciamento das Secretarias de Cultura e Turismo de Fortaleza é um ponto crucial para que o argumento do turismo seja enfraquecido, além do incentivo a mecanismos de perpetuação das tradições.

**Palavras-chaves:** Pré-Carnaval. Fortaleza. Turismo. Produto Turístico. Poder Público.

## ABSTRACT

In Brazil, the Carnival is one of the notable anthropological rites that helped create the national identity. In Ceará, the evolution of this important national event passes, historicamen you for the official participation of public authorities in the management of the popular demonstration and results in the creation and officialization of Pre-Carnaval de Fortaleza. The emergence of the pré-momescos celebrations in the Fortress from the late 1980, with the birth of the block "Parakeet of Ma dame", and no more consolidated and thriving in the year 2015. The work discusses the involvement of public authorities in the Pre-Carnaval, the tourist relevance of manifestation. The research is based on literature review-interviews face-to-face with characters that compose the imaginary and the production of pre-Carnival as Rahul Patel and Marcos Vinícius de Oliveira, in addition to análi-if hemerográfica in the people newspaper and the newspaper Diário do Nordeste, recital publications, 1980 to 2015 and field research in the territory where activities workshops ais of pre-Carnival. As regards the conclusion of this work, it can be seen that the insistence of the popular groups that perform the pre-Carnaval is an obvious element of cultural resistance against the practices of the private sector, in addition to performing as a unique element to the case cultural diversification in the society as a whole, which results in a tourist attraction unique in the Brazilian territory. We realize that despite being represented as a tourist attraction, with high socio-cultural dividends, the pre-Carnival is not managed as such. The distancing of the secretariats of culture and tourism of Fortaleza is a crucial point for the argument of tourism is weakened, besides encouraging perpe mechanisms-tuação of the traditions.

**Keywords:** Pre-Carnival. Fortaleza. Tourism. Tourism Product. Public Authorities.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Convite da Club Cearense de 1867 .....	34
Figura 2 - Lauro Maia .....	45
Figura 3 - Bloco Prova de Fogo.....	46
Figura 4 - Estandarte da Escola Luiz Assunção .....	48
Figura 5 - Entrega da chave da cidade .....	49
Figura 6 - Anúncio do Carnaval de 1978 .....	53
Figura 7 - Bloco Quem é de Bem Fica - 17 janeiro de 2000 .....	62

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>SURGIMENTO DO CARNAVAL BRASILEIRO.....</b>	<b>15</b>
2.1	TRANSFORMAÇÃO DO CARNAVAL NO BRASIL.....	22
2.2	PODER PÚBLICO E O CARNAVAL .....	30
<b>3</b>	<b>CARNAVAL DE FORTALEZA E SUAS TRADIÇÕES.....</b>	<b>33</b>
3.1	SURGIMENTO DO CARNAVAL DE FORTALEZA.....	37
3.2	CARNAVAL POPULAR DE FORTALEZA .....	42
3.3	SURGE O PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA .....	55
<b>4</b>	<b>PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA E TURISMO.....</b>	<b>60</b>
4.1	INÍCIO, O FIM E O MEIO DO PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA .....	60
4.2	PRÉ-CARNAVAL E TURISMO NO SÉCULO XXI .....	66
4.3	EVOLUÇÃO DOS BLOCOS, VISITANTES E DAS CRÍTICAS .....	70
4.4	LEGISLAÇÃO E O PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA .....	78
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“O carnaval é um momento sem dono, por que ele é de todos.” (DA MATTA, 1997).

O objeto deste trabalho é mostrar a relevância da construção e consolidação da cultura pré-carnavalesca em Fortaleza, com relevante reflexo no turismo, municipal e estadual, na economia e bem-estar social da população cearense, em especial da capital do Ceará. O Pré-Carnaval de Fortaleza trata-se de uma manifestação popular espontânea iniciada a partir do início da década 1980 e que a partir do ano 2000 possui efetiva participação do poder público no ordenamento e gestão do Pré-Carnaval, tornando-se, atualmente, um relevante produto turístico subsidiado pela Prefeitura de Fortaleza.

A fundamentação deste trabalho se dá pela análise dos discursos oficiais, pelas entrevistas presenciais com produtores e personagens que compõe diretorias de blocos carnavalescos relacionados a construção da cultura pré-carnavalesca de Fortaleza, também, na ampla pesquisa bibliográfica, e na pesquisa hemerográfica nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, considerando-se as publicações de 1980 a 2015, além de pesquisa de campo no território onde se realizam atividades oficiais do Pré-Carnaval.

Desde que se tem o registro da história do homem contemporâneo, a humanidade observa como tradição as reuniões para grandes celebrações, festas populares ou ritos de passagens. Sobre o hábito da humanidade de festejar através de manifestações populares, Nogueira (2009, p.55) inspirado na análise de Da Matta (1997, p. 23), coloca que, ao se procurar origem, a primeira constatação é da existência dos festivais de dança e canto, alicerçados pela licença e elasticidade da censura, pela transcendência dos sentidos através da presença de artifícios naturais, pela utilização de entorpecentes e pelo transe em praticamente todos os povos, seja na Antiguidade ou entre os povos originários dos continentes.

Esta realidade, a reunião popular para grandes celebrações, ainda se dá na atual sociedade contemporânea, com perpetuação de tradições e criação de novos hábitos e datas celebrativas. Sobre as tradições e as populações como um referencial histórico, podemos citar evidências da existência de notícias relacionadas às festas e manifestações populares entre os egípcios, os hebreus, os gregos, os bárbaros e os romanos.

Destaque para os romanos que deixaram extensos registros de suas festas, que chamavam de saturnais e lupercais, “nas quais participavam inclusive os escravos, e em que se reinava a confraternização da igualdade. Tais festas implicam no uso de fantasias e disfarces, ou seja, os participantes brincam de ser aquilo que não são normalmente em seu dia-a-dia”, segundo Galvão (2009, p.57).

Aqui considero importante lembrar Durkheim (1978, p. 206), que ao analisar as sociedades mais antigas chama a atenção para o fato que os ritos ditos bárbaros, traduzem, em seu cerne, muito das necessidades humanas aplicadas à vida social:

Por mais simples que seja o sistema que estudamos, nós reencontramos nele todas as grandes ideias e todas as principais atitudes rituais que estão na base das religiões mais avançadas: distinção das coisas em sagradas e profanas, noção de alma, de espírito, de personalidade mítica, de divindade nacional e mesmo internacional, culto negativo com as práticas ascéticas que são sua forma exasperada, ritos de oblação e de comunhão, ritos imitativos, ritos comemorativos, ritos de expiação. Aqui nada falta de essencial. (DURKHEIM, 1978, p. 221)

Das motivações para estas celebrações, os mais recorrentes argumentos estão ligados aos ciclos da natureza, como exemplo as celebrações referentes à mudança de estações, a morte, a colheita de determinado alimento e até a época de fertilidade ou nascimento de seres vivos. Dentre os mais expressivos festivais do planeta e que são motivados por referências naturais podemos citar o *Hohlee*, mais conhecido mundialmente como o Festival das Cores ou Festival da Primavera.

A festa popular anuncia, no mês de março, o início da primavera Indiana. Reunindo milhões de pessoas o *Hohlee* é uma das festividades mais importantes da Índia e, segundo o hinduísmo, comemora a vitória do bem sobre o mal, que neste caso é representado com a chegada da primavera, da nova vida. Dentre as tradições contidas nesta manifestação popular, as pessoas se pintam e atiram umas nas outras um pó colorido chamado de “gula”.

O festival tem a propriedade de unir pessoas de diferentes castas, religiões, origens e classes sociais, com o único objetivo de se divertirem e comemorarem a chegada das cores e da vida ligada a primavera. Para termos ideia da importância deste festival, apesar de ser o principal evento turístico indiano, até os dias de hoje não se tem registro da época do início desta comemoração popular.

Já ao que diz respeito às celebrações populares e ligadas aos argumentos e temas religiosos, apenas no Brasil é possível registrar dezenas de

referências. Podemos citar o Círio de Nazaré, que reúne milhares de pessoas na cidade de Belém, no Estado do Pará. O Círio celebra anualmente a devoção dos católicos a Nossa Senhora de Nazaré. A festa possui mais de 220 anos e tornou-se o principal evento turístico do Estado.

O caráter consciente, sintético e repetitivo dos rituais lhe confere uma extraordinária capacidade expressiva, reveladora das naturezas dos conflitos das sociedades que os promovem (RADCLIFFE – BROWN, 1973; LEANCH, 1971; 1972; TURNER, 1973, DAMATTA, 1979). O Processo ritual de um desfile, que abarca a festa e toda sua preparação, fala da diferença social e da interação cultural entre segmentos sociais diversos na grande cidade do Rio de Janeiro. Compreendê-lo é, ao mesmo tempo, compreender a cidade que o realiza, as tensões que constituem e nela se desenvolvem. (CAVALCANTI, 2006, p. 72).

O carnaval, outra manifestação popular que possui origem de cunho religioso e que está no foco deste trabalho, se caracteriza pela devoção ao sagrado e a tolerância ao profano, além de criar uma identidade cultural do povo brasileiro devido a sua grandeza e influência social.

A manifestação popular do carnaval é um rito onde, “a ênfase é no encontro e no cerne da sociedade em sua vertente criativa fundamental que sempre se representa pelo que se chama de popular”, (DA MATTA, 1997, p. 61). A antropologia entende o conceito de ritual como uma maneira de perceber a natureza dos conflitos promovidos pelas sociedades. Através dos ritos e costumes de determinada sociedade é possível entender o meio e as tensões promovidas pelos habitantes e grupos que coexistem. Participar de uma manifestação popular é uma experiência de vivência, um mergulho social.

É, portanto, por meio dos rituais que a sociedade cria, recria e dramatiza a abrangência da vida social na medida em que transporta os indivíduos para uma nova percepção de vida, mesmo que momentaneamente. No rito popular, como o carnaval, as pessoas saem do cotidiano e se permitem, toleram-se e misturam-se.

O poder desta mistura altera e coletiviza a realidade, a individualidade é colocada em segundo plano e a massa, o povo, como um corpo, une os diversos fragmentos que formam a sociedade e através da negação ou transmutação de papéis, se divertem, criticam o que está posto e prestam suas homenagens. O palco é a rua, a cidade a lona e o público é o espetáculo. “Porque é o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais aprofundadas, que a própria sociedade deseja situar como parte dos seus ideais ‘eternos’.” (DA MATTA, 1997, p. 135).

O rompimento das estruturas é capaz de unir os separados pelo precipício social (TURNER, 1974). A participação em uma manifestação popular, como os carnavais de ruas no Brasil, acredito, pode ser considerada uma imersão social, onde o explorado possui o mesmo espaço que o explorador, onde os papéis sociais são trocados e a encenação da vida é liberada. Essa mistura é justamente o que mostra o cotidiano de segregação.

Flertando com o estudo da psique humana, ao citar este tipo de momento social (festas populares), vale a pena lembrar dos escritos de Freud que associa a vida civilizada, o cotidiano, com a repressão dos instintos, principalmente, os instintos primitivos associados à sexualidade e agressividade, o que acaba se tornando um grande catalisador de um mal-estar social generalizado. (GALVÃO, 2009, p.64).

Na história das sociedades os rituais festivos são retratados e recortados como momentos que a sociedade encontra sua válvula de escape, sendo assim, a tolerância caminha com a massa que se manifesta, assim como, contagia quem apenas observa, mesmo que de longe ou de perto, aceitando, mesmo que momentaneamente, os exageros do público.

Do Carnaval fala-se muito e pode-se dizer tudo. É caos dionisíaco. É inversão do mundo. É mecanismo de liberação provisória das formalidades controladas pelo Estado e pelo Governo. É válvula de escape das frustrações acumuladas no período das implacáveis rotinas que nos achatam ao universo do trabalho e da produção. (DA MATTA, 1981, p. 172).

Segundo Hobsbawn e Ranger (1984, p.34) “o objetivo é a característica das tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas”. Entendemos aqui por “tradição inventada”, um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras aceitas pela simples concordância informal, subentendida, ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam habilitar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Contudo, como bem alerta Oliveira (2008, p.45) é preciso ter a perspicácia que não é apenas por se tratar de uma festa popular, que toda e qualquer manifestação pode “naturalmente” ser considerada um atrativo turístico. “Isso significa que o impacto social da turistificação precipitada de uma festa pode ser tão

insustentável quanto encher indiscriminadamente os parques nacionais de visitantes. Uma violência, muitas vezes, irreparável”.

Para atingirmos nossos objetivos estabelecidos nesta dissertação acadêmica, a fim de facilitar a compreensão dos leitores estruturamos o desenvolvimento deste trabalho em quatro capítulos, finalizando-o com as considerações finais, desse modo, abordaremos no segundo capítulo as raízes históricas do surgimento do carnaval, a apropriação e adaptação das práticas por parte das classes mais abastadas da sociedade, a evolução e transformação do carnaval em produto turístico e evento oficial governamental.

No terceiro capítulo, abordaremos especificamente o carnaval de Fortaleza, suas origens e tradições históricas, o aparecimento do carnaval dito popular, a influência da era do rádio nesse período momesco, até o surgimento do pré-carnaval neste contexto.

No quarto capítulo, dissertaremos sobre o pré-carnaval e o turismo em Fortaleza, expondo e analisando o fulcro do objeto deste trabalho, apresentando as etapas do início, do fim e do meio do pré-carnaval; o turismo do século XXI; a evolução dos blocos, os visitantes e as críticas recorrentes; a questão da legislação no pré-carnaval de Fortaleza.

No capítulo cinco, como conclusão do trabalho apresentaremos as considerações finais sobre o tema.

## 2 SURGIMENTO DO CARNAVAL BRASILEIRO

“Antes do carnaval havia o caos. E o caos se chamava Entrudo.” (FELIPE FERREIRA, 2008).

Falar do surgimento do carnaval é revisitar a história da colonização brasileira (pelos portugueses) e a criação do país Brasil. O carnaval brasileiro é uma mistura de hábitos europeus e costumes africanos. Segundo Queiroz (1999) existe no Brasil registros do carnaval em documentos datados de 1605, a autora também afirma que desde o início o carnaval é uma característica preponderante dos ajuntamentos populacionais urbanos. Porém, o carnaval, por ser tratar de uma tradição implantada pelos portugueses no Brasil, era conhecido originalmente como Entrudo.

A Festa carnavalesca chegou ao continente sul-americano nas caravelas dos colonizadores; no Brasil ela foi constantemente marcada por contribuições culturais sucessivas provenientes da Europa, os elementos africanos se lhe juntaram recentemente. (QUEIROZ, 1999, p. 55).

A palavra Entrudo é sinônimo de “entrada” e está relacionada ao termo “princípio”. Muitos autores ligam o surgimento deste rito às celebrações egípcias promovidas no início de cada primavera. Existem outras teorias que ligam o entrudo aos *lupercais* gregos, os “festejos que celebravam a honra do deus grego Pã (Fauno, para os romanos). Estas festas se repetiam anualmente no dia 15 de fevereiro” (SEBE, 1986), tendo também sido relacionados aos períodos de semeadura e colheita.

Nos *lupercais*, o argumento cênico da celebração era balizado na existência de dois reis ou sacerdotes chamados flâmides ou lupercos, onde um rei representava a paz e tranquilidade, o outro entoava o estandarte da comédia e depravação e do tumulto. Encenando assim uma das características marcantes da dialética carnavalesca, que retrata o cotidiano repressivo e censor das sociedades versus a necessidade de um período de tolerância e quebras de paradigmas sociais.

Em Roma, a festa popular associada ao carnaval e ao entrudo ficou conhecida como *saturnais* e ocorriam sempre no mês de dezembro, sob o cuidado do deus protetor da agricultura, Saturno. Os sete dias saturnais estavam contidos



entre 17 e 23 de dezembro e a ordem geral era fartura de comida, bebida e diversão.

Ainda relacionando hábitos do período com as tradições carnavalescas, se tem registro que nos *saturnais* os escravos muitas vezes eram servidos pelos seus amos, sendo a escravidão temporariamente abolida, o que sinaliza para a quebra de rotina e inversão dos papéis ligados ao Carnaval.

Bacanais, Lupercais, Saturnais poderiam ter sido algumas variações das festas carnavalescas. Suas celebrações implicavam a existência de rituais libertadores das atitudes reprimidas e obrigavam a extroversão, a permissividade, prevalecendo 'o tempo dos vícios'. (SEBE, 1986, p. 54).

Outro registro histórico que pode ser associado ao Carnaval vem da Babilônia. O nome da festa em questão era Zalmuku, acontecia no mês que coincide com o surgimento da primavera e homenageava o deus maior dos babilônicos, Marduk ou Merodach. Segundo as tradições, neste período interrompia-se a escravidão, as celebrações eram permissivas, ao ponto de se criar a figura de um rei-extraordinário que conviveria com o rei oficial. Contudo, para simbolizar o fim do período festivo e o retorno à normalidade cotidiana, o rei-extraordinário era morto ao final dos festejos. (SEBE, 1986).

Portanto, ao pesquisar os registros históricos que associam festas de povos longínquos ao carnaval europeu e, por conseqüente ao brasileiro, o que evidenciamos é a presença de ritos em comum como: o sentido de renovação da vida, da fertilidade, da permissividade sexual e da inversão do cotidiano, além do período das celebrações efusivas, onde o exagero é um direito.

Cavalcanti (2006) referindo aos estudos de Burke (1988), afirma que no carnaval europeu do século XVII as cidades europeias se tornavam um verdadeiro teatro a céu aberto. No carnaval europeu os habitantes transformavam-se em autores e espectadores. Corriqueiras eram as práticas relacionadas à comilança, violência, sexualidade, uso de máscaras, fantasias, batalhas de farinha, laranjas, pedras e ovos, tendo nos dias finais o desfile de carros alegóricos e competições populares.

Portanto, ao que indica o levantamento histórico, as práticas que envolvem o período relativo à chegada da primavera e o anteceder da quaresma convergem para hábitos semelhantes entre os povos europeus do hemisfério norte, mesmo de origens distintas e distantes.

As primeiras notícias do Carnaval português estão relacionadas ao termo Entrudo, que também está ligado a “entrada da primavera.” Evidenciamos também que antes da influência do cristianismo, a festa ocorria na mesma época do ano em que é celebrado o carnaval, além de algumas características que sobrevivem até hoje. Sobre as práticas festivas, apesar de não atingir todo o território, os elementos se repetiam em várias regiões da Península Ibérica.

As práticas festivas não eram gerais no país; existiam somente em determinadas regiões ou aldeias. Havia variações nos folguedos, mas certos elementos eram mais ou menos constantes: 1) um boneco chamado Entrudo, ou João, às vezes acompanhado por um segundo personagem - Dona Quaresma - passeava pelas ruas, seguido por um cortejo que entoava cantigas burlescas; o desfile terminava com seu ‘enterro’, após a leitura do testamento; 2) um dos vários festins em que se consumiam chouriços, salpicões, linguiças, isto é, iguarias a base de carne de porco, acompanhados de filhoses ou coscorão, fritos e passados em calda de açúcar; os repastos eram muitas vezes precedidos por um peditório a cargo de rapazes; 3) troças entre os jovens de ambos os sexos, ou entre famílias: aspersão de água ou mesmo de líquidos repugnantes, arremesso de farinha, de cinzas, de lama; 4) grupos de mascarados que perambulavam pela aldeia ou iam de uma aldeia a outras, cantando e fazendo o maior barulho possível com tamborins, sinetas, corneta, ou até mesmo panelas e outros utensílios de metal; 5) danças e bailes tradicionais fechavam, em geral, as festividades. A festa tinha lugar numa atmosfera de alegria geral e de grande entusiasmo. (QUEIROZ, 1999, p. 30).

No Brasil, o termo Entrudo está ligado às vésperas dos 40 dias do período de privações da quaresma. “O nome entrudo lembrava que a entrada desse período de privações estava próximo, o que incentivava a população a se deixar levar pelo espírito festivo, numa espécie de ‘é hoje só, amanhã não tem mais’.” (FERREIRA, 2008). Observa-se que o argumento cristão já é o oficial em terras tupiniquins. A ligação com a primavera ou a fertilidade não aparece como a principal referência ou argumento para a realização da festividade popular.

No Brasil, até o começo do século XX, as transformações da comemoração dos Dias Gordos seguem a temporalidade do que se deu em Portugal. Contudo, durante o período da colonização brasileira, o dito período colonial, o entrudo foi à festa popular que envolvia todas as camadas da sociedade brasileira. (QUEIROZ, 1999, p.42).

Somente na metade do século XIX o entrudo começa a ficar em baixa, e novas práticas carnavalescas, principalmente trazidas de Paris, França, vão substituindo o tradicional e popular jogo do Entrudo.

Ferreira (2008) ao se aprofundar no Entrudo faz uma separação importante para a real compreensão da prática no período. O autor determina as diferenças das ações praticadas durante o Entrudo, separando a tradição em

“Entrudo Popular e Entrudo Familiar”, sendo a rua (o espaço público) o palco da brincadeira na sua forma popular e, a propriedade privada (residências) o abrigo para a festa familiar.

No *Entrudo Popular*, o que podemos perceber é a proximidade com as práticas de origem portuguesa, a marcante presença do esguicho de água ou mesmo de líquidos repugnantes, arremesso de farinha, de cinzas, de lama, latrina e brincadeiras que busquem sujar, molhar ou pregar peças nos transeuntes são realizadas. Destaque para o enfrentamento entre grupos, que muitas vezes descambava para a violência e o agressivo enfrentamento físico.

Como citado anteriormente, em Portugal os aldeões se deslocavam para outros vilarejos e aldeias próximas com o intuito de provocar e achincalhar os vizinhos (com registro de enfrentamentos dos grupos). No Brasil esta tradição de foi absorvida por grupos de localidades relativas aos bairros e ruas e, em algumas ocasiões, levada ao extremo.

Dominadas pela população escrava e desvalidos em geral, as ruas dos principais centros urbanos brasileiros eram território livre para a versão mais agressiva do entrudo. As reuniões dos escravos nos chafarizes em busca de água para as residências senhorias se transformavam em verdadeiros pandemônios, encharcando quem quer que passasse por perto. Na falta de água, qualquer outro líquido disponível servia de munição para a brincadeira. Imundices de sarjeta, esgotos e até urina poderiam ser utilizados em caso de necessidade. (FERREIRA, 2008, p. 22).

Já no *Entrudo Familiar* as brincadeiras eram mais higiênicas e sofisticadas. Os líquidos arremessados não cheiravam mal, ao contrário, eram perfumados. Utilizava-se desde espumantes a água aromatizada para a confecção de objetos a serem arremessados. O momento da brincadeira era ritualizado, sendo iniciado após a refeição, além de existir todo um preparo familiar para receber os convidados e organizar a brincadeira.

No lugar dos baldes de água e dos líquidos imundos, as famílias se divertiam lançando entre si bolas de cera recheadas de água perfumada chamadas de limões ou laranjas-de-cheio, de acordo com a cor (esverdeada ou amarelada) e tamanho. Após uma boa refeição, começava o lançamento dos projéteis, que frequentemente terminava em romance entre as mocinhas e os rapazes das famílias envolvidas. As mulheres, aliás, tinham um papel preponderante no entrudo familiar. Eram elas que dedicavam vários dias ao preparo dos limõezinhos juntos as escravas. (FERREIRA, 2008, p. 22,).

Ressalto que neste período, em que se dava o Entrudo, o papel do poder público era apenas de repressão e censura. Seja a cavalo ou por policiais fardados

ou não, a polícia, que representa aqui a mão do Estado, trabalhava com o intuito de administrar os mais exaltados (bêbados e entorpecidos), prender os mais erotizados (fantasias que iam de encontro a moral e bons costumes da época, além dos que utilizavam o largo público com fim de práticas sexuais) e dissipar os enfrentamentos de grupos e foliões.

Em uma charge publicada na *Revista Ilustrada*, em 1883, Ângelo Agostino satiriza os editais publicados pela polícia que tentavam coibir e proibir a realização dos jogos e molecagem do Entrudo. O poder público não entrava com nenhum tipo de aporte, a não ser a busca pela “ordem social”, valendo-se do uso da força policial.

No Brasil colônia, portanto, o Entrudo foi quase que restrito ao meio urbano, onde os foliões que moravam afastados das grandes cidades dirigiam-se até os centros urbanos para participar dos jogos e festejos. Desta forma, pode-se afirmar que já no período colonial, o Entrudo era um atrativo turístico embrionário, desde que, mesmo atraindo algo próximo do que atualmente se entende por turistas, não havia uma infraestrutura para receber os visitantes na cidade, ou muito menos se pensava em ações para que as cidades pudessem atrair visitantes e, assim, fazer disto uma prática comercial.

De acordo com Queiroz (1999) dentre as principais razões da presença do caráter urbano da festa podemos citar a ausência do Estado por meio do diminuto efetivo policial encontrado no interior dos estados, o que se registra até os dias de hoje. Esta peculiaridade do meio rural e interiorano somada à imensa superioridade do número de escravos em relação aos homens livres elevava significativamente o risco de conflitos e enfrentamentos sanguinários entres os grupos. “As atividades carnavalescas sempre foram oriundas de burgos e vilas; não foi encontrado nenhum documento que as mencionassem nas fazendas e outras propriedades rurais.” (QUEIROZ, 1999, p. 112).

Sobre as causas que levaram ao fim do Entrudo como era praticado originalmente pode-se apontar, justamente, os muitos exageros, seja libertinos ou dos enfrentamentos agressivos e violentos entre os foliões. Fica famoso o episódio da morte do arquiteto francês e autor da atual Casa França-Brasil (antiga alfândega do rio de Janeiro), Grandjean de Mopntigny, que foi ocasionada por uma pneumonia adquirida após ser alvo dos “banhos”. Outro fato também que merece destaque é o aumento da repressão policial, que passou a proibir os jogos com mais veemência.

Há de se destacar que o Entrudo era rechaçado por influente parcela da sociedade brasileira, principalmente pelos membros da elite. A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1831, por exemplo, divulgou uma nota com todas as doenças associadas às práticas da festa com o objetivo de promover o fim dos costumes. Em 1832, a Câmara Municipal da Cidade de Desterro, hoje conhecida como Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, chegou a emitir uma circular em que era determinada uma multa, para os homens livres, que participassem “publicamente” do “jogo do entrudo”. Já para os escravos, a pena era acrescida de 50 açoites, o que inibia a realização popular da festa (QUEIROZ, 1999).

Buscando um marco para o fim do Entrudo, Melo Moraes Filho, historiador e poeta, coloca que o papel da polícia foi fundamental para o fim do entrudo e a criação do que hoje se conhece como carnaval carioca. Para Filho (1982), a proibição do Desembargador Siqueira, “o único dos nossos chefes de Polícia de quem a tradição remete o nome com segurança e respeito”, foi a principal ação para o fim da prática.

Em 4 de fevereiro de 1853, foi publicado nos jornais cariocas, por determinação do desembargador Siqueira e assinada pelo fiscal da freguesia da candelária, Mendes da Costa, uma portaria que determinava a proibição do jogo do Entrudo, com pena de quatro a doze mil réis para qualquer pessoa que fosse pega. (QUEIROZ, 1999)

Caso não tivesse o valor, a pessoa seria presa por no mínimo de dois dias e no máximo de oito dias. No caso dos escravos, a portaria determinava oito dias de cadeia, caso o senhor não determinasse castigo no calabouço com cem açoites.

Fizeram então uma persistente campanha contra o entrudo. A polícia empregou energia, perseguindo os entusiastas deste divertimento. Os primeiros resultados desta perseguição apareceram em 1854, cujo carnaval correu animadíssimo, vendo-se pelas ruazinhas cariocas carruagens com famílias fantasiadas, muitas máscaras avulsas e alguns montando a cavalos ajaezados. Dois anos depois, em 1856, o chefe de Polícia, Dr. Alexandre Joaquim de Siqueira, conseguia reprimir o entrudo. (AMÉRICO FLUMINENSE, 1907)<sup>1</sup>.

Para Ferreira (2008, pág. 55) “a principal ‘arma’ contra o renitente entrudo seriam os bailes mascarados, diversão trazida da França, que, já nessa época, era uma espécie de centro exportador de modas e comportamentos”. Em relação a

---

<sup>1</sup> O Carnaval no Rio, revista “KOSMOS”, nº2, fevereiro de 1907, Rio de Janeiro.

datas, o autor coloca que os primeiros bailes carnavalescos a se ter notícia teriam acontecido no ano de 1835, no Rio de Janeiro.

Já, Queiroz (1999), analisando os motivos que levaram o fim do Entrudo, destaca a chegada da família real portuguesa, em 1808, como um desencadeador de novos costumes, transformação cultural e ordenamento social. Dentre os impactos advindos da presença da corte e da família real portuguesa, podemos estacar a elevação da importância do Rio de Janeiro a capital do reino de Portugal, a vontade de ser tão progressista quanto a Europa, o surgimento da cultura do café, o que elevou os recursos nacionais e o poder aquisitivo da burguesia, além dos costumes trazidos pela corte e europeus presentes nas 14 embarcações que fugiram de Napoleão Bonaparte.

Outro fator que também destacamos e que consideramos contributivo para o fim do Entrudo é o ganho de importância do Corso. Segundo Queiroz (1999) o Corso consistia num “passeio a princípio de carruagem e mais tarde de automóvel, em que as famílias se pavoneavam luxuosamente fantasiadas”, e ocorria no período do final de tarde até o pôr do sol. Aqui, podemos entender o corso como um embrião das Sociedades Carnavalescas e dos desfiles das escolas de samba que é realizado até os dias de hoje.

Outro registro documental que se destaca neste período de mudança dos hábitos carnavalescos é uma crônica do escritor José de Alencar, onde o romancista se refere “à Itália e o corso em Roma – vocábulo italiano e não português que guardou por longo tempo o privilégio de designar o desfile propriamente dito” (GALVÃO, 2008, p. 77).

Todos os caleches – e deviam ser mais de 12 – eram tirados a duas parelhas lindíssimas, ajazadas com grandeza. Sobre cada carro desenrolava-se rica colcha de damasco coberta com rendas alvíssimas; e, em cima das almofadas, ou aos pés dos personagens, costas com pequenos *bouquets*, caixinhas com estalos fulminantes, grãos de bicos ou feijões confeitados, que cada um atirava aos espectadores das janelas e a gente aglomerada nas ruas. (JOSÉ DE ALENCAR, *apud* GALVÃO, 2008, p.77).

Após o desfile (o Corso) puxado pelas carruagens e carros da elite, o caminho dos afortunados direcionava para as residências particulares, onde realizavam sua versão mais refinada do Carnaval, ainda com muitas práticas do Entrudo, contudo, absorvendo sistematicamente as novidades do carnaval Veneziano e assim, dando origem aos bailes de máscara e suas vestimentas parisienses.

Contudo, apenas na década de 1840, que a nova prática carnavalesca dos bailes se espalha definitivamente pelo país. Aqui destaco que o fim do Entrudo está relacionado ao surgimento de um novo período do Carnaval carioca, que é chamado pelos pesquisadores como o período das sociedades carnavalescas, com a coexistência do Grande e do Pequeno Carnaval.

Galvão (2008) afirma que a consolidação do fim do Entrudo se dá na virada do século, com a substituição dos jogos pelos signos típicos do Carnaval, como confetes, serpentinas, lança-perfumes (que, mais tarde, também objeto de repressão, por conterem um alucinógeno, o éter), cortejos organizados para danças e cantar nas ruas e os bailes em recinto fechado.”

Desde a década de 1850, os jornais anunciavam o final do entrudo. Esse, entretanto, vai persistir em sua forma tradicional até as primeiras décadas do século 20. A partir daí ele perderia sua antiga denominação, mas continuaria a existir até hoje, no espírito debochado, infantil e iconoclasta do Carnaval das troças de Recife e Olinda, e dos blocos e bandas do Rio de Janeiro e das fuzarcas semiorganizadas nas ruas das cidades brasileiras (FERREIRA, 2008, p. 86).

Aqui, com o surgimento e absorção do novo *modus operandi* europeu, acreditamos, que o carnaval começa a sofrer um processo de apropriação pelo mercado e com isso pela burguesia. O comércio de máscaras, fantasias, confetes, serpentinas, além de plumas e adereços é também um fator indutor da aceitação do novo Carnaval que está sendo importado da Europa.

Desta forma, começa a existir um movimento comercial em torno do carnaval e aqui podemos perceber o início da participação do poder público na organização direta do rito carnavalesco, onde não só a polícia se organiza para inibir os excessos, mas políticos e órgãos públicos passam se envolver na folia.

## 2.1 TRANSFORMAÇÃO DO CARNAVAL NO BRASIL

“O carnaval é uma festa sem dono: dado absolutamente essencial para entendê-lo numa sociedade como a nossa, onde tudo deve ter ou tem efetivamente um patrão, um dono.” (DA MATTA, 1981).

Para melhor compreensão do desenvolvimento do Carnaval, Sebe (1986) referencia a divisão feita por R. de Moraes Von Simon, que periodiza as fases em: Carnaval de Estilo Lusitano (época colonial até 1850), Carnaval veneziano ou Burguês (1859 - 1920), período de afirmação do carnaval popular (1920 até os dias de hoje)

Outros autores preferem tratar como o período do Entrudo, do Grande Carnaval e, do Carnaval Popular. Na busca por marcos que datam o início desta segunda fase do carnaval brasileiro, a controvérsia segue a história.

Alencar (1985) coloca que o carnaval carioca “se liberta um pouco da grosseria do entrudo em 1835”, com os primeiros bailes acontecendo no Hotel d'Itália e também no Café Neuville. As datas perpassam pelo mês de fevereiro e a primeira semana de março, com anúncio no Jornal do Commercio e bilhete ao custo de Rs2\$000 (dois mil réis).

Queiroz (1999) afirma que o “primeiro sinal da transformação carnavalesca data de 20 de janeiro de 1840; anunciaram os jornais, para este dia, um baile de máscaras como se usa na Europa, por ocasião do carnaval, a ser realizado no Hotel de Itália”. Sobre a data que marcou a época dos bailes de máscaras, Sebe (1986), apoia-se nos escritos de Gilberto Freyre e coloca o ano de 1844 como o marco do primeiro grande baile de máscaras do Rio de Janeiro: “Esses bailes eram bem diferentes do realizado em 1840, no Hotel de Itália, que pretendia ser apenas “um baile de entrudo” e que não tinha ainda as características da festa momesca carioca.”

Entretanto, outros autores preferem a mais famosa referência do período, o baile de máscaras do dia 21 de fevereiro de 1846, no Teatro de São Januário, que teve como organizadora a cantora lírica Clara Delmastro. (FERREIRA, 2008).

Os bailes mascarados deste teatro, anunciados ao público pelos jornais desta corte, terão lugar: primeiro no dia 21 do corrente, e o segundo no dia 24, e começarão às 8 ½ horas da noite no salão do referido teatro, o qual é formado da caixa e plateia do mesmo teatro, onde se poderá entrar mascarado ou sem máscara, como convier, e haverá aí duas brilhantes orquestras de música para tocar e entreter o público, como se usa em semelhantes bailes: as senhoras e senhores que se acharem no camarotes poderão descer, quando lhes aprouver, para o salão e passear. O preço da entrada é de 2\$000 por cada pessoa, sendo os dos camarotes da 1ª e 2ª ordem 5\$000, e os da 3ª 3\$000. Os bilhetes dos camarotes não dão outro direito, senão o de escolha daquele lugar para melhor comodidade das famílias que os tiverem, visto que, a entrada se paga por cada pessoa que entrar no referido teatro, à exceção dos criados que acompanharem seus amos, e que forem a seu serviço. (JORNAL DO COMMERCIO, 19 de fevereiro de 1846).



Importante salientar, que em paralelo a esta transformação do carnaval aqui relatada, o Entrudo segue a existir nos subúrbios cariocas, com menos força, é bem verdade, mas não cessa. O Entrudo só veio a sumir quase por completo na virada do século. Em nossa pesquisa observamos que a mutação do Entrudo para um Carnaval Veneziano (idealizado por Carlos VI da França), se dá, principalmente, no Centro do Rio de Janeiro e atinge, majoritariamente, a elite e alta burguesia carioca.

Os jogos do entrudo foram substituídos por situações menos agressivas, a ostentação das condições sociais eram um chamariz para afirmação social, e este conjunto de fatores fazia com que a festa se aproximasse cada vez mais do que acontecia na Europa. Os bailes tornaram-se espaço das elites, pois apresentavam maior sensação de segurança, com claras regras impostas.

As grandes sociedades nascidas na segunda metade do século XIX desfilavam com enredos de crítica social e política, apresentados ao som de árias e óperas, com luxuosas fantasias e carros alegóricos, e eram organizadas pelas camadas sociais mais ricas. (CAVALCANTI, 2006, p. 47).

Desta forma, fica registrado que o baile de máscara é excludente e segregador. Seja pela proibição dos escravos de participarem, ou seja, pelos preços cobrados para o acesso a folia, que eram demasiadamente caros e com isso empurravam os excluídos para o subúrbio do Rio de Janeiro, onde a presença policial é diminuta e as práticas tradicionais tendem a se manter.

Portanto, apesar da repressão e da criminalização do Entrudo, a manifestação popular não cessa o pulsar no século XIX. Neste período é possível encontrar relatos dos jogos que aconteciam paralelamente a nova prática que estava surgindo, os bailes das sociedades carnavalescas.

Queiroz (1999) afirma que as sociedades carnavalescas, que também eram chamadas de clubes, nasceram 16 anos após o surgimento dos bailes de máscaras. A função destas sociedades era a organização de imensos desfiles de carros alegóricos na noite da terça-feira gorda, o que logo veio a ser chamado de Grande Carnaval. Os nomes das sociedades carnavalescas eram dos mais variáveis, com termos irreverentes e os com notórias referências europeias. Comandavam as sociedades os banqueiros, comerciantes, médicos e membros da elite carioca.

Além da organização dos desfiles, as sociedades carnavalescas detinham ares progressistas, republicanos, abolicionistas e filantrópicos, pois arrecadavam

fundos para a caridade através das festas de preparação para o Carnaval. A crítica política estava sempre presente, seja nas músicas confeccionadas para os desfiles, ou seja, na ornamentação dos carros alegóricos.

Galvão (2008) destaca que no início das sociedades carnavalescas o Clube X, Boêmia, a União Veneziana, Euterpe Comercial, Zuavos Carnavalescos, além de chamar atenção para os Acadêmicos de Joanisberg e Estudantes de Heidelberg, que reuniam os descendentes de alemães e desfilavam com uniformes “típicos”. Como fato histórico curioso, o autor registra que em 1868 o Clube X importou dromedários diretamente da Ásia, para compor o desfile.

Como esses clubes eram mais ou menos efêmeros, pois logo havia dissidências que germinavam em outros clubes, de suas brigas e emulações resultava bastante da animação desses primeiros carnavais. No processo, ainda antes do fim do século XIX, foram se apoderando da linha de frente três clubes, que sobressaíram entre os demais: os Tenentes do Diabo, um dos pioneiros, os Fenianos e os Democráticos. (GALVÃO, 2008, p. 74).

Constatado este fenômeno de mudança do Carnaval, podemos afirmar que a segunda metade do século XIX vivenciou dois tipos distintos de festejos. Sebe (1986) coloca as sociedades carnavalescas como detentoras do Grande Carnaval.

Já o carnaval do subúrbio, que ficou conhecido como o “Pequeno Carnaval”, tinha como principais características os grupos de foliões populares, que foram o embrião dos blocos de carnaval, os cordões.

Os blocos surgem justamente da segregação dos clubes e do Corso, que eram vividos e organizados pela e para as elites e alta burguesia, colocando, assim, o povo em segundo plano, apenas como espectador.

Contudo, a capacidade de adaptação da massa nunca deve ser desprezada, assim, logo após o surgimento das grandes sociedades, o povo voltou a ocupar as ruas com seus blocos, agora em localidades mais afastadas do Centro da cidade, sem muita organização, mas com muita animação.

Dentre os primeiros blocos a ganharem as ruas, o *Zé- Pereiras*, *Dominós* e os *Sujos*. Sebe (1986) coloca que os blocos que iam surgindo, na verdade, “era uma versão domada do antigo entrudo”, já que a rua era o palco, as vestimentas continuavam a serem precárias e sem luxo, porém, as práticas dos jogos do Entrudo foram progressivamente abandonadas.

Segundo Queiroz (1999) “por volta de 1870, pequenos grupos de negros e mulatos, habitando bairros pobres e periféricos do Rio de Janeiro, se reuniam para

cantar e dançar nas vielas ou nos quintais durante o carnaval; as canções; os ritmos sincopados das músicas mostravam a origem afro-brasileira; surgia o Pequeno Carnaval. A abolição da escravatura fez proliferar tais grupos, apesar da perseguição vigorosa da polícia, que se intensificara com a Lei Áurea”.

Importante aqui destacar que no período do Grande Carnaval a preocupação do poder público com a organização do Carnaval já é claramente percebida no Centro da cidade. O processo da abolição da escravatura, com a Lei do Ventre Livre (1871) e posteriormente a Lei Áurea (1888), são fatores que devem ser lembrados como argumento de transformação importantes do período.

A liberdade dos escravos levava medo à elite e alta burguesia. A rua era ocupada pelos mais pobres e ex-escravos, o que pode também ser considerado um fator relevante para o sucesso dos bailes, já que estes eram de caráter privado e excludente, sendo um verdadeiro refúgio para a classe dominante.

Em certa medida pode-se dizer que a polícia, representando o aparelho do Estado, foi a grande criadora do carnaval carioca. Coube sempre aos policiais ‘cuidar da alegria segurança carnavalesca’. Neste sentido, a divisão de áreas (onde ocorria o grande e o pequeno carnaval) era tarefa da polícia. (SEBE, 1986, p. 62).

O período contido na segunda metade do século XIX é muito curioso e rico em detalhes históricos. Dos bailes de máscaras surgiram os concursos de fantasias, que mesmo sem o glamour já vivido, até hoje perdura no Rio de Janeiro. Do Corso e desfiles das sociedades carnavalescas, surgiram os carros alegóricos gigantescos, puxados por carretas e cada vez mais majestosos e no início conhecidos por préstitos, que era um cortejo de alegorias onde já se transmitia um lampejo do que seria o futuro do Carnaval carioca.

Contudo, um dos principais fatos históricos conectados à evolução do Carnaval que não podemos deixar de citar em nossa pesquisa, foi a decisão do então prefeito, Francisco Pereira Passos, que a partir de 1903, sob incentivo do presidente da república, Rodrigues Alves, iniciou o plano de reforma urbana e sanitária do Rio de Janeiro.

O plano teve como inspiração a famosa reforma urbana de Paris comandada pelo Barão de Haussmann, um político francês que durante 17 anos (1853-1870) derrubou casas, eliminou ruas estreitas medievais e inundou Paris com grandes vias e *boulevards*. (GALVÃO, 2008).

A intervenção pública atingiu diretamente o secular epicentro do Carnaval carioca e, com isso, a Rua do Ouvidor perde o status de referencial dos desfiles e aglomeração de foliões. A partir de 1907, a nova Avenida Central, relativamente próxima a Praça Onze, e que atualmente chama-se Avenida Rio Branco, acaba por ser tornar a nova apoteose do Carnaval carioca.

A nova avenida oferece dimensões antes insuspeitadas, em seu amplo perímetro. Se, até então, calculavam em 50 mil os espectadores que se concentravam na rua do Ouvidor e seus arredores durante o tríduo, agora, no primeiro ano da transferência, seu número duplica. O Carnaval ganha horizontes para se expandir enquanto espetáculo público. (GALVÃO, 2009, p. 123).

Com a intervenção do poder público, o Carnaval inicia uma nova fase, uma fase de expansão e reinvenção, com maior participação popular, comercial e ampliação do tamanho dos carros alegóricos e número de grupos e blocos. É na primeira década do século XX que a prefeitura do Rio de Janeiro começa a se preocupar definitivamente com a ornamentação da cidade para receber o carnaval.

Em 1904, é promulgada a primeira lei de incentivos fiscais para a construção de hotéis no Rio de Janeiro. Após esta atitude da prefeitura, ocorrem sucessivas inaugurações de hotéis de grande porte e, principalmente, com o atendimento e serviços comparados aos referenciais europeus, o que antes era inexistente e muito criticado pelos visitantes.

Em julho de 1907, é datada a chegada do primeiro grupo organizado de turistas ao Rio de Janeiro, a bordo do vapor Byron (CUNHA FILHO, 1982). Em 1911, foi inaugurado o Hotel Avenida, na própria Rio Branco; já, em 1915, foi inaugurado o Hotel Central, na Praia do Flamengo e; em 1922, o Copacabana Palace, que até hoje possui um dos bailes de carnaval mais glamoroso e saudoso da cidade. Segundo Galvão (2008) a partir de 1911 surge uma iluminação pública “feita especialmente para o carnaval, com 50 mil lâmpadas.”

Para termos ideia do impacto desta reforma urbanística, mais de 600 cortiços ou moradias coletivas foram derrubados para darem espaço as novas e largas ruas ou avenidas. A higienização do Centro da cidade não ficou apenas na construção do sistema de saneamento, a perseguição aos boêmios, os ditos vagabundos e as tradições populares também fizeram parte deste processo. (CUNHA FILHO, 1982).

O Centro idealizado pela elite e alta burguesia, não comportava o popular, a referência era Paris. Capoeiristas, cordões e os blocos de foliões eram inicialmente perseguidos pela polícia. Este processo acabou legitimando o Grande Carnaval das sociedades, das máscaras e fantasias de luxo como o novo Carnaval.

Dessa forma, o Pequeno Carnaval vai ganhando importância e adesão popular, principalmente, nos subúrbios e nas favelas cariocas. Os grupos se reuniam para festejar, ano após ano, e com isso foram surgindo, a exemplo das sociedades carnavalescas, os grupos que resistiam com a passagem dos anos e tornavam-se mais conhecidos e com maior capacidade de agregar foliões. Esses grupos ficaram conhecidos como Rancho, que em tradução livre da linguagem portuguesa seria o que conhecemos como “tropa”. (CUNHA FILHO, 1982).

No início do século XX, o ano de 1907 é colocado pelos pesquisadores como um novo marco no carnaval. Foi neste ano que aparece a Sociedade Carnavalesca Ameno Resedá. Alencar (1985, p. 86), afirma-se que a Ameno Rosedá “promove uma verdadeira revolução na música do carnaval carioca. É que eram introduzidos no conjunto musical instrumentos de sopro como flauta, clarinete, sax, bombardinos, pistons e até violino”.

Interessante aqui colocar que Galvão (2009) afirma que a Ameno Resedá era conhecido como um Rancho, sendo um dos mais agregadores e relevantes pela quantidade de foliões que reunia e pelo fato de seguir para o centro da cidade para tomar as ruas com o som único e novo, além de coreografias e cenografias elaboradas, que determinavam esta terminologia. Queiroz (1999) reforça a referência e Galvão e destaca a importância dos ranchos.

Os ranchos não tardaram em se transformar numa das grandes atrações da festa; os participantes se fantasiavam sempre de índios, com profusão de plumas coloridas; sua maneira animada de dançar, apesar da música mais ou menos dolente – a marcha-rancho – colocava uma nota original em relação aos velhos folguedos. (QUEIROZ, 1999, p. 88).

Após a aparição da sociedade carnavalesca Ameno Rosedá, os Ranchos carnavalescos começam a ganhar destaque e a exigir espaços no Grande Carnaval da Avenida Central. Com sua elevação do status de importância no carnaval, em 1910, a Ameno Rosedá adquire permissão para desfilar na avenida Central, abrigo exclusivo do curso e dos préstimos das sociedades carnavalescas. A permissão, mesmo sendo para a segunda-feira gorda, um dia de menos prestígio, rapidamente adquire grande importância para o Carnaval. (GALVÃO, 2009).

Os participantes eram assalariados que contavam com remuneração mensal; não se confundiam com gente de ocupação esporádica, vivendo de expedientes e podendo facilmente escorregar para a vagabundagem e até mesmo para o crime [...] Os ranchos, composto de 'gente bem comportada', podiam ver seus folguedos carnavalescos serem tranquilamente tolerados pelas autoridades. (QUEIROZ, 1999, p. 92).

Com a virada para o século XX as duas primeiras décadas são marcadas pela definição da evolução do carnaval. Os ranchos, os cordões e as sociedades carnavalescas vão redefinindo os espaços do carnaval carioca. As sociedades ficam cada vez mais restritas aos clubes e seus bailes e desfiles alegóricos.

Já os cordões (mais associados ao público participante do Entrudo), vindos dos subúrbios e favelas, acabam adaptando sua forma ao que os ranchos apresentavam. Enquanto os ranchos se transformam no referencial do carnaval carioca, ocupando as ruas e servindo de atração principal da festa popular.

Outro argumento histórico que coloca os ranchos como os principais responsáveis pela entrada da nova era do carnaval foram os inúmeros concursos lançados pelos jornais cariocas. Os periódicos da época começaram a premiar os ranchos de acordo com quesitos. Além da premiação para as melhores canções (enredos), o conjunto, a harmonia, as fantasias e estandarte ganham destaque e são analisados pelos jurados. Assim, um novo modelo competitivo começa a se fixar e, a partir destes concursos promovidos pelos jornais (O IMPARCIAL, JORNAL DO BRASIL, JORNAL DO COMMERCIO), que um padrão de desfile começa a ser seguido.

Observamos aqui que, já no início do século XX, a prefeitura do Rio de Janeiro que representa o poder público, está cada vez mais envolvida na organização do carnaval. Apesar da regulação dos espaços como forma de acabar com os jogos do Entrudo e forçar à europeização do carnaval, os ranchos, que se espalhavam em número e na capacidade de arrastarem multidões, acabaram proporcionando uma forçada "reintegração de posse do carnaval", por assim dizer. O povo voltou a ocupar livremente o Centro da cidade e, com isso, a influenciar diretamente na criação da atual fase do carnaval brasileiro, o "Carnaval Popular". (FERREIRA, 2008).

Ferreira (2008) coloca que em 1930 o Carnaval oficial das ruas se transforma. A "diversão das elites" agora dá lugar a "festa cultural da brasilidade". O autor ainda afirma que o "samba", por ser genuinamente brasileiro, cantado e

dançado em praça pública, foi o grande responsável pelo surgimento da nova era do carnaval. Além do comércio gerado pelas vendas de fantasias, máscaras, confetes, serpentinas, lança-perfumes, ornamentação dos carros alegóricos e equipamentos musicais, o carnaval já atrai turistas que lotam os novos hotéis cariocas. Com o lucro, o carnaval começa a ganhar maior destaque social. Os interesses econômicos agregados ao carnaval logo obrigam a Prefeitura do Rio de Janeiro a participar de forma oficial da festa, o que veremos na continuidade deste trabalho.

Importante destacar, que assim como a substituição da era do Entrudo para o Grande Carnaval, a transformação do Grande Carnaval para o Carnaval Popular se fez também com um período de coexistência entre as eras. Neste período é comum à presença da crítica ao novo carnaval, acusações de assassinato das tradições e o fim da festa, além de muito inconformismo por parte dos brincantes.

A adesão da maioria aos desfiles dos ranchos e posteriormente das escolas de samba, foi considerado por muitos uma aniquilação da festa carnavalesca. Contudo, a adesão popular e a participação de membros da sociedade de maior poder aquisitivo, o que foi fator preponderante para o início do “Carnaval Popular”. Além disso, não se pode esquecer que a popularização do samba serviu para a aceitação do “carnaval popular” pela maioria da sociedade.

## 2.2 PODER PÚBLICO E O CARNAVAL

O período de transição do Grande Carnaval para o Carnaval Popular também é marcado pela entrada definitiva e oficial do poder público na organização e concepção do carnaval. Data de 1928, na gestão do prefeito Prado Júnior, o primeiro registro do envolvimento declarado pela Prefeitura do Rio de Janeiro na organização do carnaval carioca. Pela primeira vez o Centro foi decorado com uma ornamentação oficial e decorador convidado. Contudo, a oficialização do Carnaval do Rio de Janeiro só veio a acontecer definitivamente em 1932.

Apesar de todo o investimento de Prado Júnior, foi Pedro Ernesto, o prefeito que o sucedeu no Rio de Janeiro, quem acabou realizando a oficialização do Carnaval da cidade, em 1932. Em parceria com o Touring Club do Brasil, foi nomeada uma comissão executiva para elaborar o programa oficial da festa, que incluía, entre outros eventos, um curso de automóveis associados a uma batalha de flores em Copacabana; um concurso de marchas, sambas e músicas carnavalescas; banho de mar a fantasia; baile infantil no Teatro João Caetano e um grande baile de máscaras no Teatro Municipal, cujo

cartaz seria escolhido num concurso público entre 52 artistas brasileiros. Além disso, os desfiles das grandes sociedades, ranchos e blocos passariam a ter dia e hora definidos oficialmente de forma a facilitar a elaboração e divulgação de um programa da folia, incentivando a participação de toda a população e a presença de turistas do Brasil e do mundo. (FERREIRA, 2008, p. 40).

Esta oficialização do Carnaval recebeu duras críticas dos foliões e dividiu opinião pública. O medo de mais um expurgamento do povo, como ocorreu com o fim do Entrudo, era um dos fatores que permeavam a crítica. Contudo, famoso é o texto do jornalista e cronista, Berilo Neves, publicado no Diário de Notícias do dia 4 de fevereiro de 1932, onde exalta a iniciativa do prefeito Pedro Ernesto e coloca que: “Pela primeira vez na história da humanidade haverá notícia de uma farra que não dá prejuízos, e, sim, lucro.”

Ainda sobre a oficialização do Carnaval, Alencar (1985) fala da crítica em relação à intromissão do poder público e relaciona esse aspecto a uma possível perda da espontaneidade do Carnaval, mas, também ressalta pontos positivos que vieram com a entrada do poder público diretamente na organização da festa popular.

A oficialização foi sempre motivo de discussão. Alegam muitos que a intervenção oficial tiraria parte da espontaneidade da festa. De fato, há procedência em algumas das restrições. A parte crítica das composições e dos préstitos recebeu rude golpe. Subvencionando ou premiando, o governo é poupado nas sátiras, que sempre foram um ângulo pitoresco do carnaval carioca [...] Mas, não se pode negar, por outro lado, o prestígio que o poder público deu ao carnaval, instituindo bailes oficiais, fazendo a propaganda, inclusive no estrangeiro, imprimindo-lhe força turística, ornamentando a cidade, auxiliando, premiando e estimulando entidades particulares, etc. (ALENCAR, 1985, p. 215).

Apesar da oficialização do Carnaval estar ligada ao ano de 1932, consta nos anais do Carnaval carioca que desde 1920, o Governo da capital já subsidiava os grupos, “dando 3 contos de réis para cada uma das grandes sociedades e 20<sup>32</sup> réis para cada grupo popular”, segundo Ferreira (2008, p. 70).

Contudo, a partir da terceira década do século XX é que aparecem as escolas de samba e seus desfiles na Praça Onze. De forma espontânea e reunindo poucas pessoas, com o tempo foi caindo no gosto popular e se destacando em meio aos ranchos e sociedades carnavalescas.

Segundo Albin (2008, p. 160), “em 1932, o jornal *Mundo Esportivo* decide patrocinar o primeiro desfile [...] das, então, muito acanhadas agremiações”. Já em 1933, o desfile das escolas de samba começa a ser patrocinado pelo jornal *O Globo* e tem a Mangueira, de Cartola e Carlos Cachça, nos desfiles iniciais.



Em 1934, a partir de um convite do jornal “O PAIZ” para desfilar no Campo de Santana, local que abrigou muitos desfiles e apresentações para a família real portuguesa, as escolas de samba começam a se notabilizar. Neste mesmo ano é fundada a União das Escolas de Samba, que foi uma forma de pacto de consolidação das agremiações. Em 1935, as escolas passam a receber, a exemplo das sociedades e ranchos, auxílio pecuniário governamental.

Como resultado da organização, o desfile do ano seguinte seria oficializado pela Prefeitura do Distrito Federal e foi imposto às concorrentes um regulamento com normas que, a ferro e fogo, determinariam os rumos dos desfiles e assim delineava-se, embora lentamente, o apogeu das escolas, que culminaria no Sambódromo Darcy Ribeiro. (ALBIN, 2008, p. 164).

Chegamos ao ponto do nosso trabalho, onde, após verificar o processo histórico do carnaval, podemos evidenciar que o poder público está diretamente ligado a construção, manutenção e afirmação do carnaval enquanto festa popular.

### 3 CARNAVAL DE FORTALEZA E SUAS TRADIÇÕES

Assim como no Rio de Janeiro, o carnaval de Fortaleza surge com as práticas do entrudo e em seguida com o carnaval de bailes, o dito carnaval veneziano. Segundo Oliveira (1997), as primeiras referências ao entrudo em Fortaleza estão nas crônicas de João Brígido e João Nogueira e aparecem nos folhetos do período momesco de 1868.

Ainda de acordo com Oliveira (1987) pelo teor contido nas críticas é possível constatar que, há pelo menos três décadas, o entrudo já era uma prática desenvolvida no território da cidade, contudo, sem registros históricos.

Celebração em meio simples, dominado por relações de parentesco e vizinhança (não eram invadidas casas de desconhecidos ou inimigos); conservação das barreiras étnicas (era inconcebível um escravo molhar um homem livre) e das socioeconômicas; luta entre os sexos (as mulheres poderiam tomar a iniciativa de atirar água e farinha – práticas que permitiam ao namorado saber se o amor era ou não aceito). (OLIVEIRA, 1997, p.31).

Assim como no Rio de Janeiro, o entrudo de Fortaleza também sofreu modificações com o passar dos anos. Segundo Borges (2007) os diversos artigos utilizados nos jogos, que iam de urina a água de latrina como vimos no capítulo anterior, foram sendo deixados de lado pela população, que começou a adotar artifícios menos nojentos e sujos. Entretanto, como coloca a autora, a tradição do entrudo não foi deixada totalmente de lado, e até os dias de hoje ainda acontecem, principalmente, em cidades do interior do estado do Ceará, entretanto, com o nome de mela-mela.

A partir de 1870, o entrudo tornou-se menos grosseiro pela substituição daqueles por diversos por laranjinhas de borracha ou cera com água de cheiro. Mas algumas das práticas do entrudo persistiam no carnaval do Ceará por mais tempo, nas atividades conhecidas por mela-mela, notadamente entre os segmentos populares, até porque, devido às suas carências materiais, a maioria da população não podia adotar, como ainda hoje não pode, produtos e apetrechos mais sofisticados, que implicam dispêndio financeiro. (BORGES, 2007, p.74).

A influência europeia chega ao carnaval de Fortaleza no último quarto do século XIX. Neste período começam a surgir às sociedades carnavalescas, o curso e os bailes dos clubes. Oliveira (1997, p. 97) aponta que este novo momento momesco é caracterizado “como o período marcado pela rua como centro da festa, pelos préstitos e bailes das Sociedades Carnavalescas.”

Somente a partir da segunda metade do século XIX acontece o surgimento dos clubes de Fortaleza. Destaque para o Clube Cearense, fundado em 1867, que foi concretamente, a primeira grande agremiação mundana da Cidade, inclusive com sede própria e sócios. (PONTES, 1993, p. 32).

Figura 1 - Convite da Club Cearense de 1867



Fonte: Site Fortaleza Nobre.

Em relação ao Clube Cearense, Borges (2007) faz um recorte sobre os sócios e frequentadores do espaço.

O Clube Cearense, frequentado pela elite da cidade, constituída por políticos e comerciantes nacionais e estrangeiros (ingleses, franceses e portugueses) que aqui se estabeleceram nas atividades de importação e exportação, com acesso exclusivo a seu quadro de sócios, firmou-se de forma elitista e distanciada do restante da população. (BORGES, 2007, p. 75).

Como referencial histórico Oliveira (1997) destaca que em 1882 surge a primeira sociedade carnavalesca, os Cavaleiros do Prazer, sendo posteriormente seguidos pelos Cavaleiros da Época, Legião dos Únicos, Dragões de Averno e Conspiradores Infernais. A rua, o palco principal das festas, começa a dividir a folia

com os espaços privados das casas da alta sociedade e dos clubes. Dentre os clubes, os de maiores destaques eram o Cearense e Iracema<sup>2</sup>.

Segundo Oliveira (1997) “os nomes dessas Sociedades em Fortaleza sofreram clara influência europeia seguindo o modelo do Rio de Janeiro, que contou com sociedades denominadas Feninanos, Girondinos, Estudantes Heidelberg, União Veneziana entre outras”.

De acordo com Girão (1979 p. 75) os melhores carnavais do estilo veneziano aconteceram entre os anos de 1893 e 1896, repletos de “desfiles riquíssimos com majestosos carros alegóricos, trabalhos do mais delicado labor e paciente execução.” Não diferente do Rio de Janeiro, as sociedades carnavalescas fortalezenses também dispunham dos carros de ideias e das críticas, onde se reproduziam as chacotas e críticas aos poderosos, políticos, religiosos e casos quentes da época.

Neste período, o povo aparece nos relatos e livros apenas como mero espectador ou mão-de-obra para a construção dos carros alegóricos e confecção de fantasias que cobriam as vergonhas da elite.

Nessas crônicas, o entusiasmo popular é sempre exaltado, mas não esqueçamos que, no Carnaval Veneziano, resume-se a isto a participação popular: assistir ao espetáculo, 'entusiasmar-se' ou vaiar e fornecer mão-de-obra para a sua realização. Ao contrário do Entrudo, o Carnaval Veneziano somente permitirá a participação daqueles que pertencem às camadas superiores com meios para gastar em custosas fantasias e nas despesas das Sociedades Carnavalescas. (OLIVEIRA, 1997, p.62).

A exemplo do Rio de Janeiro, nesta segunda metade do século XIX, o poder público se fazia presente apenas no aspecto da segurança, coibição dos excessos e repressão. Para exemplificar o papel do poder público, no ano de 1866 foi publicada uma extensa nota oficial da Secretaria de Polícia do Ceará.

Nesta nota podemos perceber a busca pela censura as críticas direcionadas ao clero, aos políticos e militares, além de coibir o uso de fantasias sob a justificativa da segurança. Desta forma, o poder público aparece como um regulador da folia e não apenas como facilitador.

Permitido o divertimento de mascarados durante os três dias de carnaval, que são 11 e 13 do corrente 'mez', que em bailes públicos ou particulares. Nenhum mascarado poderá fazer alusão em seus vestidos ao estado

---

<sup>2</sup> Clube Iracema – Dos excluídos do Clube Cearense partiu a reação de se criar uma outra sociedade recreativa que viabilizasse seus desejos diversionais e culturais. Assim surgiu o Clube Iracema, em 1884 (ano da abolição da escravidão no Ceará), nome inspirado no então afamado romance de José de Alencar (PONTES, 1993, p. 140).

sacerdotal ou a qualquer corporação religiosa, civil ou militar, e de modo algum ofenderá à moral e os bons costumes. Nenhum mascarado poderá atirar nas ruas, nas casas ou em qualquer pessoa 'objecto' algum, e muito menos água com ou sem cheiro, nem pegar os que andarem nas ruas principalmente sendo homens do campo, escravos ou fâmulos.

Nenhum mascarado poderá trazer arma alguma 'prohibida', seja cortante, perfurante, ou seja, contundente.

Os mascarados poderão andar nas ruas das seis da manhã até sete da noite,' anunciadas' pelo relógio da Sé, mas, 'aquelle' que aparecer a 'cavallo' ou de 'sége' nunca poderá correr.

Os bailes mascarados principiarão às sete horas da noite e findarão às duas da madrugada, 'anunciadas' pelo relógio da Sé, podendo os concorrentes mascarados chegar às oito horas da noite.

Nos bailes públicos são proibidas as danças indecentes e instrumentos capazes de produzir desastres: como o mascarado ter ingresso nos camarotes, sem permissão das pessoas ou famílias que ocupam.

Nos bailes públicos poderão dançar os mascarados com as pessoas não mascaradas, que os quiserem; com tanto que estas nunca o façam sem 'aquelles', e se retirem para seus lugares apenas finde a dança.

Nos bailes públicos os mascarados se darão a conhecer a autoridade inspecionadora de espetáculo, sempre que esta exigir.

Os mascarados que 'sahierem' dos bailes antes das duas horas da madrugada comunicarão a guarda ou autoridade inspecionadora do espetáculo, se tiverem de voltar, e no caso de o fazerem de uma vez, como no fim dos bailes tirarão as máscaras na porta do 'theatro' ou casa do baile e ante a guarda; 'inspector' de quarteirão ou autoridade que estiver presente.

Nos bailes particulares não poderão entrar pessoas não convidadas, mas os donos da casa ou encarregado do baile dará em reservado ao chefe de polícia uma relação nominal das que o compuserem, e ficará responsável pelas desordens ocasionadas por falta de providencias de sua parte ou inobservância das presentes instruções no que lhe puder ser aplicado.

É 'prohibido' tirar a máscara ou dirigir insulto ao mascarado, o qual respeitará sempre a todos, quer nas ruas, quer nas reuniões ou bailes.

Se, porém, o mascarado cometer qualquer 'delicto' ou infringir seus deveres, as autoridades policiais poderão arrancar-lhe a máscara 'imediatamente', e os soldados ou qualquer pessoa do povo prendê-lo e levar a presença da autoridade que procederá como por justo, arrancando-lhe ou não a máscara.

Os encarregados dos bailes públicos cumprirão em tudo o mais o disposto nas vigentes a respeito dos 'theatros 'públicos, e tanto 'elles', como os mascarados que infringirem estas instruções 'soffrerão' as penas de multa ou prisão, que no caso couber.

(Secretaria de' Policia' do Ceará, 1º de fevereiro de 1866, *apud* CAMPOS, 1984, p. 36-37).

Em 1893, outra nota, desta vez da Secretaria de Justiça do Ceará, foi publicada em forma de edital e buscava ditar as regras para o carnaval. Segundo Campos (1984) o controle estatal foi uma das principais contribuições para o fim do entrudo nas ruas de Fortaleza.

Edital:

O Ilmo. Sr. Secretário dos Negócios da Justiça manda fazer público o seguinte:

1º Que é proibido por meio de máscaras, ou qualquer disfarce, fazer alusão a qualquer corporação civil ou religiosa, ou autoridade legalmente constituída.

2º Que é proibido às pessoas mascaradas se apresentarem em público, de forma indecente, ofendendo à moral e bons costumes.

3º Que é proibido o entrudo nas ruas e praças da cidade.

4º Que nenhum bando carnavalesco pode exhibir-se em público, sem aprovação prévia do seu programa de licença do dito Secretário, sob pena do art. 135 do Código Criminal.

(Secretaria de Justiça do Ceará, em 10 de fevereiro de 1893. O Diretor Geral JOÃO BATISTA PERDIGÃO DE OLIVEIRA, *apud* CAMPOS, 1984, p. 42-44).

É importante ressaltar que, com este edital, fica evidenciado por relatos históricos que o entrudo e o período do carnaval de bailes coexistiram em Fortaleza. Apesar dos esforços do poder público e da pressão das elites e classe média, a prática dos jogos ainda resistiu no século XIX, tendo sido abandonada a forma originária somente no século XX, contudo, sofrendo adaptações e sem jamais cessar de vez.

Inclusive, como brincante de carnaval, podemos afirmar que a atual utilização de espumas industriais, armas d'água e bexigas de plástico cheias de água são artifícios do carnaval, principalmente para as crianças e, são uma referência as práticas contidas no entrudo, que se perpetuam e adaptam-se ao longo dos anos.

Portanto, é no começo do século XX que encontramos referências de um retorno a popularização do carnaval. Contudo, ao se pesquisar em jornais e crônicas da época é possível perceber animosidade em relação as práticas popularescas, como por exemplo, as fantasias adotadas e até as músicas de origem africanas, mais sincopadas e repletas de batuque.

### 3.1 SURGIMENTO DO CARNAVAL DE FORTALEZA

Com a elitização do carnaval dos bailes, o povo vai a procura do lugar na folia, até porque este não poderia se resumir a mero espectador de desfiles, corsos e mão de obra para os brincantes dos clubes. Todavia, a participação das classes mais abastadas fica retratada pela imprensa com certa melancolia e em tom crítico.

Segundo Oliveira (1997), em 1927, o jornal Correio do Ceará dispunha espaço nas últimas páginas do periódico e era chamada de Coluna de Momo. Neste espaço via-se claramente o tom crítico e até recomendações ao poder público que interviesse e proibisse a festa popular.

Cordões não se viram, grupos que merecessem ao menos pela originalidade da indumentária certa referência, muito menos, e, sobretudo as canções primaram pela falta absoluta de vibratibilidade comunicativa, sendo pelo contrário, as pouquíssimas que apareceram de péssimo gosto, grosseiras, inconveniente, coisa de gente inescrupulosa com visível desprezo pela moral. Era para notar até a insistência com que certos moços deturpavam as canções enxertando-lhes imoralidades indignas de uma sociedade policiada: é para se estranhar a tolerância das autoridades diante de tais fatos. Numa palavra: tais canções, com tudo isso, eram ainda encaixadas em música de congo barato da ínfima ralé. Não valeram nada, não valeram um vintém de mel coado... Para o decoro público o que se fazia preciso era pôr cobro a esses arranjos de linguagem nada decente, mandando os 'cancioneiros' cantar a serena estrela pelo menos um bom quarto de hora na delegacia correccional. (CORREIO DO CEARÁ, 06.03.1930, *apud* OLIVEIRA, 1997, p.134 -135).

As músicas sempre foram alvo de críticas. Devido as origens africanas os cantos eram perseguidos e as músicas rejeitadas nas folhas dos jornais. No mesmo Correio Cearense, João Ninguém declama sobre a insatisfação do que estava se formando nas periferias do ecossistema das elites e, ataca, justamente o som e letras produzidas.

Ressuscitar o que devia ficar esquecido como atentatório ao belo (os Congos), quando a tendência é aperfeiçoar, não é razoável, bastando para desmoralização nossa os rimadores do Morro do Pinto e da favela que perpetram em linguagem urunga e bantu os sambas carnavalescos e não-carnavalescos. (OLIVEIRA, 1997, p. 135).

Borges (2007) também destaca que a cobertura jornalística do carnaval no início do século XX retratava o carnaval popular sempre associado à violência. Além de depreciativo, o carnaval popular era mostrado como inseguro e repleto de casos absurdos e policialescos, sendo solicitado muitas vezes ao poder público que interviesse.

Outro procedimento formal da redação jornalística que identificamos nas primeiras décadas do século XX é a associação entre o carnaval das camadas populares a violência [...] A coluna sobre o carnaval da sociedade vinha estampada na primeira página, enquanto a coluna com os fatos 'pitorescos' do carnaval do povo era publicada nas últimas páginas, seguida das notícias policiais. (BORGES, 2007, p. 81).

Outra marcante característica relacionada, segundo (BORGES, 1997), é a diferenciação do carnaval veneziano das sociedades carnavalescas e do carnaval popular das ruas está ligada à presença feminina nos festejos.

Um aspecto digno de destaque a contrapor as práticas carnavalescas das elites e o povo durante a *belle époque* diz respeito à participação feminina nos festejos de rua. O carnaval das sociedades carnavalescas contava com a participação assídua das mulheres que saíam às ruas e, na década de 1930, integravam os blocos nos clubes, sendo raras as referências à presença de mulheres nas ruas junto aos foliões populares, muito embora

fossem constantes as personagens femininas nas diferentes manifestações carnavalescas: linguagem, canções e fantasias. (BORGES, 2007, p. 81).

Diante deste crescimento do carnaval, que acompanhava o aumento populacional de Fortaleza, o poder público passa a não apenas a fiscalizar e regulamentar a folia momesca no quesito segurança. Notas de jornais da época podem revelar que a Prefeitura, já no início do século, também emitia circulares a respeito da regulação do trânsito e dos perímetros destinados aos desfiles e o curso.

A Prefeitura tomou as seguintes medidas para o curso dos três dias Carnavalescos. O curso realizar-se-á no trecho compreendido entre a Praça do Ferreira (lado sol) e a Praça dos Martyres (lado norte) pelas seguintes ruas: Floriano Peixoto, João Moreira, Major Facundo e Pedro Borges e se fará em duas filas de veículos [...] Haverá duas entradas para o curso [...] e os pontos de saída ficarão nas quatro extremidades: Major Facundo (em frente ao Moderno); Floriano Peixoto (em frente a 'A Cearense') rua João Moreira (em frente ao Palace Hotel) e a mesma em frente ao prédio da Repartição dos Correios. (CORREIO DO CEARÁ, 10/02/1934, apud OLIVEIRA, 1997, p.112).

Outro aspecto a ser destacado em relação ao carnaval do início do século XX é a questão da seca que assola o Ceara sazonalmente e, a associação do período com a realização ou não da folia durante os anos de penúria. Para termos ideia, somente na primeira metade do século XX, nos registros históricos das secas no Ceará destacam-se os anos de 1915, 1919, 1932 e 1942. (NEVES, 2002; FARIAS, 2004; BORGES 2007).

Como foi exposto, o carnaval das sociedades carnavalescas era realizado pelas elites e a classe média, o que envolvia volumosas quantias financeiras a serem gastas na construção de carros alegóricos, confecção de roupas, decoração dos salões e clubes, pagamento de anúncios em periódicos e outras despesas. Em anos de seca é um hábito do povo nordestino se concentrar na capital em busca de água e alimento.

As ruas ocupadas por uma multidão de pedintes andrajados, a perambular pelas casas e praças, em busca de ajuda, de esmola e alimentos, davam a sensação de uma cidade ocupada: para a população urbana e seus representantes políticos ou seus intelectuais, restava a ideia de que estavam completamente sitiados por uma coluna de famintos maltrapilhos. (BORGES, 2007, p. 84, apud NEVES, 2002, p. 87).

Diante deste tipo de cenário, a comemoração dos festejos momescos era muitas vezes colocada em cheque pela população e, principalmente, pela igreja católica, que sempre gozou de muita influência na sociedade cearense. Rios (2002) retrata um episódio acontecido em 1916, onde ocorreu severo manifestos episcopais



nos jornais locais contra os festejos de carnaval, desde que, em 1915, uma grande seca castigara todo o Ceará.

Com a disputada entre os críticos e os defensores do carnaval, uma solução para a realização da folia foi encontrada. Ficou decidido que o dinheiro arrecadado nas festas promovidas seria revertido para o combate à seca e auxílio dos flagelados. Desta forma o carnaval foi realizado.

A ocorrência periódica das secas gerou episódios nos quais a aparente inconveniência de comemorações carnavalescas, ante o suplício de tantos sertanejos sob as agruras de toda sorte de privação material, moral e cultural, foi convertida em benefício aos necessitados. Assim, preservou-se a moral subjacente à conveniência em sociedade os deveres da solidariedade e da caridade. Ao mesmo tempo, a participação festiva afirmou-se como fator de prestígio e distinção, dada a capacidade de dispêndio festivo, de tipo suntuário, restrita às elites. (BORGES, 2007, p. 86).

Ainda sobre o carnaval de 1916, Oliveira (1997) destaca o papel do bispo diocesano Dom Manoel da Silva Gomes, que diante da seca e do impasse em relação à realização ou não do carnaval recorreu até ao então Presidente da República, Venceslau Brás.

O Carnaval de 1916, não mencionado por qualquer dos memorialistas consultados, merece atenção à parte. É marcado por uma forte campanha contra sua realização, promovida por representantes da Igreja e pelo jornal *Correio do Ceará*, em um ano no qual o bispo diocesano Dom Manoel da Silva Gomes dirigiria ao Presidente da República Venceslau Brás e ao Loyd brasileiro telegramas implorando a vinda de vapores que auxiliassem a imigração dos flagelados da seca. Em 1915, Dom Manuel já havia ido ao Rio de Janeiro, onde 'visitou jornais, deu entrevistas, penetrou em ministérios, o Senado e a Câmara, foi aos colégios católicos e pregou em todos os púlpitos dos templos cariocas, conclamando o povo a olhar a terra mártir'. Dom Manuel visitou também São Paulo e Minas Gerais. (QUINDERÉ, 1957, p.119).

Sobre esta campanha e o acordo carnavalesco podemos acompanhar a postura de alguns jornais da cidade ante o acordo para a realização do carnaval.

Club da Lapidação – Bando Precatório. Realizou-se ontem a festa de caridade que o Club da Lapidação, sociedade carnavalesca composta de rapazes do Comércio, levou a efeito em benefício dos infelizes cearenses vítimas do terrível flagelo da fome que assola ainda o nosso caro estado. Correu tudo na maior ordem, sendo de louvar o caráter de seriedade que se revestiu a referida festa de caridade.

Folgamos de reconhecer que a nossa pertinaz campanha contra o carnaval encontrou o apoio de todas as classes e, no seio da sociedade carnavalesca, à idéia tomou incremento e desta sorte, ao invés das estafadas momices das estúrdias passeatas de papangus, etc.

Tivemos, este ano, bem organizados prestigiosos precatórios em favor da pobreza faminta. [...] O resultado da festa [...] orçou em 1 conto, 135.250 réis, quantia que somada à angariada no aniversário do ceel. Joaquim

Magalhães (116.100 réis), subiu de 1 conto, 251.350 réis. (*CORREIO DO CEARÁ*, 06/03/1916, apud OLIVEIRA, 1997, p.103-104).

Neste início do século também é necessário destacar que as sociedades carnavalescas perdem força e cedem espaço para o Corso, que se resumia a um desfile de carros das elites, com trajeto organizado pela Prefeitura, novamente imitando o modelo carioca, que antevia os bailes privados dos clubes. Após os desfiles, o povo ficava na rua e os “diferenciados” se abrigavam em clubes e residências.

O Corso, outra transformação da festa no período Veneziano, virá substituir os desfiles mais luxuosos das sociedades carnavalescas do final do século XIX estabelecendo-se como prática na Fortaleza da década de 20 [...] Vespertino (16 às 18 horas), seu trajeto pode ser acompanhado nas transcrições de suas medidas de controle pela autoridade de 1927 a 1934. (OLIVEIRA, 1997, p. 109).

Uma das razões que atuam no ganho de força do Corso em detrimento as Sociedades Carnavalescas é a participação e afirmação das elites e figuras públicas. Sendo encontrados registros da participação até de Presidentes de Estados, hoje conhecidos como Governadores, que não se acanhavam em desfilar sua opulência, como registra Job (1992), na ocasião em que Matos Peixoto e sua esposa Violeta utilizaram um Willys Overland (modelo de carro) e receberam uma chuva de confetes e serpentinas em 1929. Oliveira (1997) afirma que “O Corso também permite a ostentação das elites. Há toda uma afirmação de riqueza e prestígio nestas nuvens de confete e serpentina. Não é privilégio de muitos munir-se de tal quantidade de confetes.”

A partir de meados da década de 1930, o carnaval de Fortaleza adquire uma nova fase e se torna cada vez mais popular, assemelhando-se ao pequeno carnaval do Rio de Janeiro, como foi citado no capítulo 1 deste trabalho.

O corso constará em desfiles de blocos, cordões e de sujos, concentrando-se nas ruas Senador Pompeu, avenida Duque de Caxias, na Praça do Ferreira e Guilherme Rocha com intensa participação das famílias que ali residiam. As famílias não só assistiam os desfiles como decoravam as ruas com bandeirinhas de papel de seda. Após o desfile, dançava-se na rua tomada de animação ao som de músicas carnavalescas. (OLIVEIRA, 1997, p.116).

Além do Centro da cidade o carnaval segue para outros eixos da cidade e adquire tons cada vez mais popularescos com a fundação de novos clubes e adoção de festas fechadas.

Havia ainda, nas imediações do Clube dos Diários<sup>3</sup>, o animadíssimo Carnaval das casas de prostituição, denominadas na época de rendez -vous ou chateau. Contavam com orquestras excelentes, por vezes, bem melhores que as dos clubes elegantes. Eram frequentadas por muitos homens da elite antes de se dirigirem aos bailes dos clubes familiares. (OLIVEIRA, 1997, p. 116).

Esta nova fase do carnaval de Fortaleza se divide então em dois segmentos. Os bailes familiares e voltados para a elite e os festejos de rua, que contavam com todo o tipo de manifestação popular, e se aproxima do que Maria Isaura Pereira Queiroz (1999) denominou como o Pequeno Carnaval do Rio de Janeiro. A Era do Rádio é outro fator relevante e, de acordo com Borges (2007), deve ser destacado neste período que tange meados da década de 1930.

O surgimento do carnaval popular de Fortaleza corresponde, em linhas gerais, ao que no Brasil era denominada a Era do Rádio e que no Ceará se estende da instalação da primeira emissora de rádio, a Ceará Rádio Clube, também denominada PRE-9, em 1934, até a implantação da televisão na cidade, ocorrida em 1960. (BORGES, 2007, p.87).

### 3.2 CARNAVAL POPULAR DE FORTALEZA

Com o surgimento da rádio, os jornais impressos perdem espaço como os principais meios de comunicação a relatarem e divulgarem a folia carnavalesca. Segundo Borges (2007) “o rádio assumiu um papel proeminente no processo de comunicação local, sendo, até, os anos 60, o veículo de comunicação mais popular do Ceará”.

Desta forma, com o aval do poder público, a imprensa eleva-se no papel de articular e agir como interlocutor dos que participavam e faziam o carnaval de Fortaleza. A promoção de concursos foi uma das estratégias que colocam o rádio em lugar de destaque na memória do carnaval de Fortaleza.

A imprensa procurava a todo custo arregimentar os grupos para os festejos da rua. A Ceará Rádio Clube, juntamente, com a Associação Cearense de Imprensa e a Prefeitura Municipal promoveram um concurso, no ano de 1936, para escolher o melhor grupo carnavalesco do ano. Alguns jornais da cidade conclamavam a participação de todos os blocos, principalmente a presença dos blocos do clube dos ‘Diários’ e ‘Iracema’<sup>4</sup>. (BARBOSA, 2001, p.50).

<sup>3</sup> Clube dos Diários - De uma dissidência do Clube Iracema composta por João Garcia Arêas, Francisco da Costa Freire, Martiniano Silva, José de Mendonça Nogueira, João McDowell, César Calls de Oliveira, Henrique Jorge entre outros, fundou-se o Clube dos Diários, em 10 de março de 1913.

<sup>4</sup> Criação do Prova de Fogo – A Escola de samba Prova de Fogo foi criada em 1935, por integrantes do 23º Batalhão de Caçadores e comerciários. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 1981, p. 51.)

A maior amplitude do rádio potencializou o crescimento do carnaval, desde que, a informação era cada vez mais difundida e convidativa através das ondas do rádio, que se somavam aos jornais impressos. A partir de meados da década de 1930, o carnaval de Fortaleza começa a criar uma série de características particulares referentes a música produzida, número de blocos e participação popular, tendo para muitos este sendo o período de ouro do carnaval de Fortaleza (AZEVEDO, 1993) que se estendeu até o final dos anos de 1960.

Embora os clubes da capital tenham mantido a primazia das festividades no estado até a década de 1970, foram as agremiações populares que trouxeram importantes inovações no plano estético e antropológico e instauraram, de modo duradouro, a dualidade nos festejos carnavalescos representada pelos clubes e pelas ruas, a partir dos quais descortinamos o universo simbólico das relações de classe na sociedade local. (BORGES, 2007, p.88).

Na rua, em 1935, foi criado o bloco Prova de Fogo 4, já em 1936, foi a vez do Maracatu Az de Ouro, que existe até os dias de hoje. Além disso, em 1936, uma eleição para Rei Momo foi realizada no Clube Iracema. Nos clubes, os bailes seguiam imponentes, luxuosos e segregadores. Desta forma, o carnaval de Fortaleza vai ganhando nova dimensão e ampliando suas práticas. Inclusive, segundo Oliveira (1997) a criação do bloco Prova de Fogo pode ser tido como o marco do início do carnaval popular de Fortaleza.

Para se ter ideia da importância destas mudanças, em 1940 o maracatu Az de Ouro conquistou a taça Usina Colombiana, após concorrer com os Blocos Prova de Fogo 4, As Mariêtas, As Baianas e Papai Noel. Segundo o jornal *O POVO de 2/7/1940*, “o bloco de maracatu tinha um mais vivo caráter carnavalesco, mais originalidade, mais vibração”.

Ainda em referência a importância da rádio para a ampliação e sedimentação do carnaval popular, uma figura que não pode ser esquecida é do compositor Lauro Maia. Suas canções e histórias merecem destaque nos anais do carnaval de Fortaleza, não apenas pelas pérolas produzidas, mas, principal<sup>44</sup> pelo engajamento (AZEVEDO, 1999).

A participação direta de profissionais dos jornais e rádios na promoção e divulgação de atividades carnavalescas foi decisiva para a criação da cultura carnavalesca na cidade. Neste tocante é exemplar atuação do compositor Lauro Maia. A proeminência que o músico cearense conquistou no Rio de Janeiro, com sua produção musical na década de 1940, para o carnaval, articulou-se às ações que aqui indicamos que passaram a envolver diversos grupos sociais, então dissociados, alcançando repercussão na sociedade local. (BORGES, 2007, p. 92).

Na década de 1940 é importante destacar o contexto geopolítico nacional que acabaram por ter reflexo no carnaval. Além da II Guerra Mundial (1939-1945), a ditadura de Getúlio Vargas (1937/1945) também é um período que deve ser lembrado. Fatores econômicos, o clima de incerteza causado pela guerra e o autoritarismo, além do envio de tropas brasileiras para o *front*, são argumentos que influenciaram na realização de manifestações populares e efusividade de festejos.

Em 1943, no domingo de carnaval, a União Estadual dos Estudantes promoveu passeata antinazista, e os estudantes afirmaram ser o caso de se acabar com a folia e não se promover. Neste ano, carnaval mesmo só nos clubes e o seu anúncio nos jornais foi mínimo [...] Durante a II Guerra Mundial, todas as manifestações públicas, fossem ao ar livre ou em sedes de clubes, casas de diversão, cabarés, dancings, etc, eram submetidas ao exame policial. Botar um bloco na rua ou promover qualquer programação carnavalesca impunha inscrição na Secretaria de Segurança Pública para apresentação do programa a ser executado, inclusive a relação de músicas, o qual era submetido à censura e a exame local, em conformidade com o Decreto-Lei Federal nº 1949 de 30 de dezembro de 1939. (BORGES, 2007, p.143).

Com o fim da II Guerra Mundial, da ditadura Vargas e também do governo no Ceará de Menezes Pimentel, o autoritarismo assim como a repressão policial diminuem consideravelmente e um novo ciclo de carnaval começa a tomar corpo pela cidade. A edição de 27/2/1946 do jornal O POVO reporta que já na década de 1940 a Prefeitura de Fortaleza participa dos preparativos do carnaval e que o Rei Momo busca falar com o prefeito sobre a importância do retorno dos festejos para a cidade.

Com o crescimento do carnaval de Fortaleza, os anos de 1950 aparecem nos anais da história como unanimidade em relação ao apogeu (AZEVEDO, 1999), das festividades de momo na capital do Ceará. Além da grande participação popular, envolvimento com a cidade, a qualidade das composições, o carnaval de Fortaleza produzia hits carnavalesco que alcançavam repercussão nacional e venciam prêmios Brasil afora.

Figura 2 - Lauro Maia



Fonte: Arquivo Nirez.

Além de Lauro Maia, os compositores Humberto Teixeira e Luiz Assunção ocupam importantes lugares no hall de destaque dos letristas brasileiros. Aqui destaco a importância de Lauro Maia como referencial da música produzida no Ceará e a sua influência no carnaval de Fortaleza e do Brasil. Não é difícil para quem brinca o carnaval nos dias de hoje escutar uma de suas composições.

Lauro Maia foi, portanto, um compositor versátil, eclético, que não se prendeu ao radicalismo dos ritmos nativos nem se entregou aos apelos externos. Fez a fusão do carioca com o cearense, do romântico com o jocoso, do clássico com o banal, produzindo peças da mais legítima Música Popular Brasileira. Música, porque ele era um catedrático em teoria e sensibilidade; Popular, porque atingia a massa; e Brasileira porque sabia cheirar à terra tudo o que produzia. (AZEVEDO, 1999, p. 12).

Grande sucesso nacional de Lauro Maia, e que até os dias de hoje embala os pré-carnavais e carnavais de Fortaleza, é o hino feito para a escola Prova de Fogo, que inicialmente foi conhecido como “Cadê Joana” e “Onde está meu apito”. (NIREZ, 1991).

***Prova de Fogo (Lauro Maia)***

Cadê Joana, Que não vem com a sopa?  
 E Mariana, Que não traz minha roupa?  
 Não posso mais esperar, estou aflito  
 Onde está o meu apito, o meu apito?  
 Está na hora da escola de samba sair  
 Até já vieram me chamar  
 E eu ainda estou nessa agonia  
 Logo no primeiro dia será que eu vou faltar.

Figura 3 - Bloco Prova de Fogo



Fonte: Arquivo Nirez

Também é necessário falar de Luiz Assunção, o músico maranhense mais cearense que já existiu. Parceiro de Lauro Maia em muitas composições e conhecido por ser um entusiasta do carnaval. Com a mudança de Lauro Maia para o Rio de Janeiro na década de 1940, a Escola Lauro Maia acabou sendo rebatizada, e gravou o nome de Luiz Assunção em seu estandarte em 1946. (NIREZ, 1991). Lopes (1988) declama com saudosismo da “mais exótica escola de samba do mundo.”

Passou o Carnaval que passou a mais exótica escola de samba do mundo, a Luiz Assunção, que estava mais para banda marcial do que para *g.r.e.s*<sup>5</sup>. Mas, ninguém reclamava, pois, o padrão globo de qualidade ainda não existia, nem o gênio Joãozinho Trinta havia conseguido decifrar as ‘mensagens fenianas’ da Pedra da Gávea. Por isso, no palanque da PR-9, João Ramos (que também já passou), pedia aplausos calorosos para a Escola de Samba Luiz Assunção, com o seu impecável ‘pelotão’ de músicos

<sup>5</sup> Abreviação para grêmio recreativo escola de samba.

(a Escola, compreendia, apenas os músicos) vestidos à militar, com dolmãs e quépis. Imponentes e garbosos, pareciam os autênticos generais da banda, os instrumentos de sopro refletindo o sol daquelas tardes de fevereiro “Adeus Praia de Iracema/Praia dos amores que o mar carregou. (LOPES, 1988, p. 225).

Citada por Lopes (1988) como o som que marca à Escola Luiz Assunção, a música "Adeus Praia de Iracema" embala até os dias de hoje os festejos relacionados aos períodos moinhos de Fortaleza. A música é um “samba com uma temática plangente: a lamentação pela destruição da nossa antiga Praia do Peixe, nos anos 1940, com a construção do Porto do Mucuripe”, como bem define o historiador Gilmar de Carvalho, no texto realizado para a exposição em homenagem ao artista, em 2013, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura<sup>6</sup>.

#### ADEUS PRAIA DE IRACEMA (Luiz Assunção)

Adeus, adeus,  
 Só o nome ficou  
 Adeus praia de Iracema  
 Praia dos amores  
 Que o mar carregou (2x)  
 Quando a lua te procura  
 Também sente saudades  
 Do tempo que passou  
 De um casal apaixonado  
 Entre beijos e abraços, que tanta coisa jurou  
 Mas a causa do fracasso  
 Foi o mar enciumado  
 Que da praia se vingou.

---

<sup>6</sup> <http://www.dragaodomar.org.br>.



Figura 4 - Estandarte da Escola Luiz Assunção



Fonte: Arquivo Nirez

A pluralidade do carnaval, com a coexistência dos carnavais de clubes e os de rua, garantia um carnaval popular e para todos os gostos. Atrações regionais e nacionais frequentavam o período momesco de Fortaleza. Diferente do Rio de Janeiro, o samba não era hegemônico no quesito dos ritmos que embalavam a folia. Borges (2007) destaca que em 1956 o carnaval de Fortaleza contou com a presença da Orquestra Pernambucana, o bloco carioca Bando Lunar e o renomado artista Jackson do Pandeiro<sup>7</sup>.

Na década de 1950, os desfiles de rua tornaram-se objeto de competições entre blocos, cordões, escolas, maracatus. A Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) e os clubes sociais ofereceram 'ricos e artísticos' troféus às agremiações favoritas do público, sendo que os maracatus conquistaram a maioria absoluta dos concursos carnavalescos até 1967. Mas, a partir de 1958 os clubes deixaram de patrocinar as premiações. As taças conferidas aos campeões do carnaval de rua passaram a ostentar o nome de políticos, cujo patrocínio veio se aliar aos órgãos de imprensa, que lhes eram estritamente subordinados. (BORGES, 2007, p.97).

Também, é nos anos de 1950 que começam a ser realizadas as cerimônias de entrega da chave da cidade para o Rei Momo. Segundo Job (1992), no dia 20 de fevereiro de 1952 o prefeito de Fortaleza, Paulo Cabral (1951/1955),

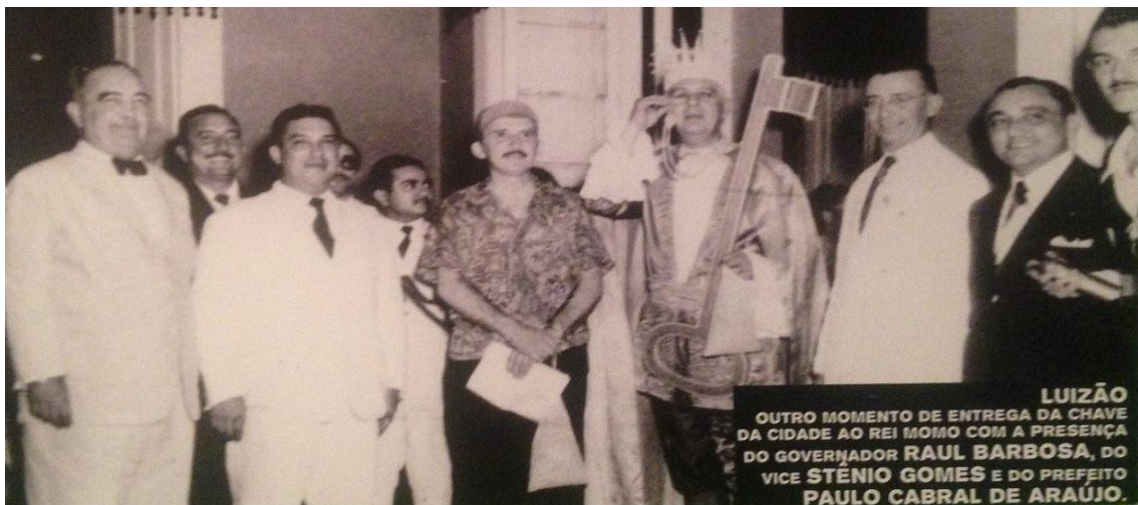
<sup>7</sup> Jackson do Pandeiro (1919/1982) - O poeta cantador era considerado artista completo pela versatilidade com que interpretava diversos ritmos brasileiros, desde marchas de carnaval, samba, emboladas, cocos nordestinos, rojão até o baião. (Jornal O NORDESTE).

entregou a majestade carnavalesca, Luizão I e único, a chave simbólica da cidade ao som das bandas do 23º Batalhão de Caçadores e da Polícia Militar.

Após a cerimônia de entrega da chave a Luizão I e único, o cortejo dos blocos e da realeza carnavalesca seguiram para o Palácio da Luz (então sede do Governo Estadual) para serem recepcionados pelo Governador Raul Barbosa, pelo comandante da 10ª Região Militar e outras ditas autoridades.

Luizão I e único – Regente do carnaval cearense que veio a substituir o primeiro Rei Momo da história alencarina, Ponce de Leon, que foi deposto depois de 15 anos de reinado, ao ser visto por seus “súditos” saindo da Padaria Palmeira, então localizada na época na esquina das ruas Senador Pompeu com Guilherme Rocha, de pijamas e com um pão embaixo dos braços em plena terça-feira de Carnaval. Ganha fama com a vitória no concurso de “Melhor Rei Momo do Brasil”, no Rio de Janeiro. (NIREZ, 1993).

Figura 5 - Entrega da chave da cidade



Fonte: Arquivo Nirez.

Porém, nem tudo eram flores e confetes, o autor afirma que embora nos clubes os festejos eram expressivos, o carnaval de rua não era tão reverenciado. Sobre o fim dos anos de 1950, Borges (2007) destaca que o carnaval de rua sofreu por demais na gestão do prefeito Cordeiro Neto (1959 – 1963).

Sua gestão foi marcada pela desídia em relação à organização do carnaval de rua, concedendo um tratamento extremamente desfavorável às agremiações que o integravam, o que pode ser constatado de inúmeras formas. Ele antecipou com a violência policial, inclusive nos clubes, a repressão que se abateu sobre o carnaval de rua após a ditadura militar de 1964, o que tanto contribuiu para inibir as atividades das agremiações carnavalescas. (BORGES, 2007, p. 145)

Em 1963, o último ano da gestão de Cordeiro Neto, o jornal *O Povo* destaca que o carnaval de rua não acontece e que para tal foram colocados mil e quinhentos policiais de prontidão e assim evitar os festejos. Os registros apontam que somente nos clubes os festejos momescos foram permitidos. O periodista do jornal *O Povo*, Hélio Góes, já em 1960, cobra do poder público uma maior atenção ao carnaval. “A Prefeitura e o Governo do Estado já poderiam, através de leis dar um amparo concreto ao Carnaval cearense. “

É neste período que se dá a primeira eleição dos clubes campeões do carnaval promovida pela Crônica Carnavalesca e que teve o Clube Maguari campeão de 1961, de acordo com os registros encontrados no Jornal *O Povo* de 16/02/1961. Desta forma, podemos perceber que apesar de crescentes, os carnavais de clubes e o da rua viviam momentos distintos.

No Carnaval de 1964, antes do golpe militar, o que se viu, segundo Gaudin (2000), foi um ganho nos festejos devido o alinhamento político do então Governador Virgílio Távora e o Prefeito de Fortaleza Murilo Borges, que investiram pra que os festejos se dessem em clima de união. Entretanto, em 1965 e 1966, já sob a égide do autoritarismo militar, o poder público se ausenta, novamente.

Pires (2004) registra em seu livro sobre o Ispaia Brasa (uma escola de samba que existiu de 1968 a 1978 e foi campeã por sete vezes do carnaval cearense) o testemunho de Descartes Gadelha, que fala como se dava os preparativos para o carnaval. “Era realmente um grêmio. Tinha renda própria, proveniente do arrecadado nas festas realizadas na casa do Batista\*. Quando saia o dinheiro da prefeitura, no Sábado Gordo, a agremiação já estava pronta<sup>50</sup> desfilar”.

Batista foi figura notória do carnaval da década de 1960. No princípio da década de sessenta chegava à Fortaleza, para servir na Base Aérea, o carioca João Batista de Almeida, sargento da Aeronáutica. Baterista do Grêmio Recreativo Escola de Samba acadêmicos do Salgueiro, do bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, o sargento Batista tratou logo de recrutar, entre os seus companheiros de farda, os primeiros componentes de um bloco que faria sucesso em Fortaleza, o Ceará Moderno. (PIRES, 2004, p. 26).

Aqui destaco que enquanto o carnaval de rua era repleto de misturas e pluralidade, os carnavais dos clubes possuem um referencial imitativo das resoluções carnavalescas adotadas pelo Rio de Janeiro, que podem ser evidenciadas na absorção e reprodução das músicas, fantasias e danças (BORGES, 2007).

A proibição do lança-perfume, ou cloretil, é uma das marcas que podem ser registradas como referencial imitativo. No Rio de Janeiro inicia a perseguição e em Fortaleza não é diferente. Clubes começam a proibir e punir seus brincantes que adentrassem ao baile com o produto. Em 1945 o lança-perfume já começa a ser proibido nas ruas, em 1950 o clube Maguari também veta o uso, contudo, na década de 1960 é que o lança-perfume é oficialmente proibido. Em 1966, logo após o golpe militar brasileiro, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará emite um edital nos jornais da cidade:

Visando melhor assegurar a ordem pública e preservar o decoro da sociedade, durante os festejos carnavalescos, foi proibido o consumo de lança-perfume, aguardente e o uso de máscaras que não permitissem a identificação da pessoa, o uso de fantasias que se assemelhem aos uniformes das corporações militares ou às vestes das instituições religiosas e o uso de trajes atentatórios ao decoro e à moral das famílias. (*Jornal O POVO*, 19/02/1966)

Com o golpe militar de 1964, o carnaval de rua é o principal atingido. Borges (2007) afirma que “após o golpe militar, a repressão policial nas ruas reforçou a procura dos foliões pelos clubes.” Desta forma, a partir de meados da década de 1960 e na década de 1970, o carnaval de Fortaleza se dá com a explosão do número de clubes para todas as classes sociais. A Prefeitura de Fortaleza também entra na dança e começa a promover o Baile Municipal em 1965, que vai existir até 1986, no ginásio Paulo Sarasate.

Em 1970, no auge da oferta clubista, foram anunciadas noventa e seis festas de carnaval nos clubes da cidade: cinquenta e sete em quinze clubes suburbanos e trinta e nove em doze agremiações elegantes. Doze clubes promoveram bailes infantis. (BORGES, 2007, p.112).

Sobre a classificação dos clubes, Pontes (2005, p. 133) enumera o total de oito clubes elegantes relacionados a elite da época. Como referencial destes clubes na década de 1950 o autor aponta, “segundo uma classificação que eles mesmos se impunham, ratificada pela imprensa, o Clube Iracema, O Clube dos Diários, o Náutico Atlético Cearense, o Ideal, o Maguari, o Líbano, o Country e o Círculo Militar, o grupo que comporia os chamados ‘clubes elegantes de Fortaleza’. Contudo, além dos clubes citados, o late Clube, o Massapeense, O Clube de Regatas da Barra do Ceará e o Comercial também foram tidos como parte do hall dos elegantes.” (NIREZ, 1993).

Sobre os clubes suburbanos, Pontes (2005) enquadra as agremiações como ligadas à classe média.

Nem só dos "elegantes" se compunha o universo dos clubes sociais de Fortaleza. Existiam inúmeras agremiações ligadas aos vários setores da classe média, com maior ou menor poder aquisitivo, e mesmo aos setores populares, numa clara evidência da importância e do espaço que ocupava esse tipo de sociabilidade. (PONTES, 2005, p. 133).

O final da década de 1970 é quando se registra o início do declínio do carnaval de clubes. Uma série de fatores podem ser considerados para justificar as razões que levaram o carnaval dos clubes a findarem.

Pontes (2005) coloca que “em virtude da proliferação de inúmeras opções de lazer – as praias próximas da cidade, as casas de campo, as barracas que se instalaram na orla – a frequência dos usuários diminuiu sensivelmente”.

Já para Gilmar de Carvalho apud Pires (2004), “perdemos um jeito troncho de fazer carnaval que tinha nossa cara, com os indefectíveis sujos e escolas de samba (Lauro Maia, Luiz Assunção e Prova de Fogo) com instrumentos de sopro, gente ciscando no chão, se divertindo sem a preocupação de ganhar prêmios ou de se submeter às regras que tiraram da festa seu caráter desorganizador”.

Já Azevedo (1993) afirma que “os regulamentos tolheram a criatividade do folião cearense. “ Nobre (1979) destaca que o Conselho Estadual de Cultura não registra nenhuma menção ao carnaval de rua de Fortaleza em sua primeira década de existência (1966 – 1976), o que mostra a falta de interesse do poder públi<sup>52</sup> fomentação do carnaval.

Outro fator que também pode ser colocado como causador do fim da época de ouro do carnaval cearense é o jogo dos poderes e da vaidade. Segundo Barroso (1984) as motivações que sobrepujavam as carnavalescas devem ser levadas em conta. De acordo com o autor, o jogo de interesses, a corrupção e a busca por ganho político e econômico foram fatores que ajudaram para o fim deste período. Borges (2007) recupera um caso emblemático da época que retrata bem a atmosfera momesca vivida.

Em 1970, a indicação do Rei Momo pelo prefeito da capital José Walter foi contestada pela Crônica Carnavalesca que há mais de vinte anos realizava a escolha. Neste ano, em represália ao Prefeito, a Crônica e os clubes suburbanos proclamaram a República Carnavalesca e elegeram um presidente, causando uma “inflação de poderes” no carnaval. Sem o apoio das autoridades governamentais, a república só vigorou esse ano, e a Crônica só voltou a eleger o Rei Momo em 1974. (BORGES, 2007, p. 130).

A corrupção na Crônica Carnavalesca também pode ser considerada um dos fatores que levam a queda do prestígio do carnaval de Fortaleza. Segundo

Borges (2007), “na década de 1970, a Crônica Carnavalesca foi acusada de inúmeras irregularidades, como a má administração dos recursos que lhe eram destinados pela Prefeitura, corrupção na indicação do Rei Momo, favorecimento na premiação dos clubes mediante a cobrança de propina”.

Gilmar de Carvalho, apud Pires (2004), destaca como prova do enfraquecimento do carnaval de Fortaleza “uma campanha publicitária que já alertava para o esvaziamento do carnaval de rua de Fortaleza, em 1978. Era o *Fique pra Ver*, quando a moda passou a ser o carnaval espontâneo das praias”. (Figura 6).

Figura 6 - Anúncio do Carnaval de 1978



Fonte: Jornal O POVO.

Com esta relegação do carnaval de rua por parte do poder público e cabendo apenas aos clubes privados a fomentação do carnaval de Fortaleza, observamos que no final dos anos setenta os municípios praianos do interior do Ceará começam a investir no carnaval como um atrativo turístico que integrasse ao já consagrado turismo de Sol e Praia.

Com a criação da Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR), em 1971, Borges (2007) afirma que o novo órgão governamental “acolhe as políticas gerais do governo militar implementadas nas diversas instâncias, que são a interiorização e a popularização, sendo essa estendida como a criação de uma indústria cultural”. Desta forma, um novo horizonte surge no carnaval de Fortaleza.

Um das ferramentas para o sucesso destas diretrizes foi o programa de governo “Jornadas Culturais” criado pelo então Secretário Estadual de Cultura,

Ernando Uchoa Lima, que tinha por objetivo levar a cultura da capital para o interior do Ceará. Desta forma, como é colocado por Dantas (2000), a cidade de Fortaleza assume um papel de centro receptor e emissor de turistas para o interior do Estado. Este direcionamento é outro fator que vem a contribuir para a diminuição da participação nos carnavais de Fortaleza, seja o de rua ou de clubes.

Coriolano (1998) registra que a primeira referência num plano de governo em relação ao turismo acontece em 1971, com o PLAGEC (Plano de Governo do Estado do Ceará), no governo de César Cals de Oliveira Filho, onde o fluxo de turistas tende a ser direcionado para as praias do litoral. Assim, a atividade turística assume papel de integrar e interligar as regiões do Ceará e o carnaval litorâneo ganha destaque importância para o sucesso desta nova empreitada governamental.

No Ceará, o PLAGEC fez apenas rápidas referências ao potencial turístico do estado, reconhecendo-o como amplo e diversificado. Destaca o litoral de Fortaleza, as serras de Ibiapaba, de Baturité e Guaramiranga, como também as atrações de natureza mística, de Juazeiro do Norte e Canindé. (CORIOLANO, 1998, p.60).

Outras decisões governamentais voltadas para o estímulo do turismo no litoral também contribuíram, como bem destaca Coriolano (1998), ao fazer um resgate histórico das ações governamentais e datar, por exemplo, que o governo de Aduino Bezerra dedicou em 1975 ações que visavam “possibilitar o acesso às praias [...] construindo novas rodovias”, o 1º Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado do Ceará (PIDT – 1), no governo de Virgílio Távora (1979 – 1982), além do Plano de Interiorização do Turismo, no governo de Gonzaga Mota (1983 – 1986).

No ano de 1982, dentre os eventos registrados pela EMCETUR como parte das ações de turismo para o interior, destaque para o carnaval de Paracuru, que foi realizado com subsídios do executivo estadual. É neste período, entre o fim dos anos 1970 e início da década de 1980, que surge o carnaval litorâneo cearense, com as prefeituras dos municípios apostando em atrações como trio elétricos e festas nas praças.

Enquanto o poder público da capital se mantém ineficaz e vacilante no apoio ao carnaval de rua, as prefeituras de dezenas de municípios interioranos cearenses se engajam em sua promoção e alcançaram resultados insuspeitos. A consequência principal disso foi a perda por parte de Fortaleza da dominância carnavalesca no estado para cidades do interior, consumada na década de 1980. (BORGES, 2007, p.165).

Outro aspecto que também merece ser lembrado no período é a busca do folião cearense por carnavais de outros Estados/Cidades como Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Olinda.

No início da década de 1980, difundiu-se em Fortaleza a ideia de um esvaziamento da cidade no carnaval. Essa concepção foi aguçada na década de 1990, devido ao grande interesse por cidades como Olinda e Salvador e pelas festividades ocorridas no litoral do Ceará, cujo modelo é, ainda na atualidade, o de som eletrônico reproduzido por trios elétricos. (CRUZ, 2010, p. 7).

Deste esvaziamento do carnaval de Fortaleza e da "fuga" para o interior e outros carnavais, o período pré-carnavalesco, principalmente no mês de janeiro, ganha uma série de festas e cortejos de blocos de bairros. Desta forma, surge a manifestação popular conhecida como o Pré-Carnaval de Fortaleza e que é o objeto de estudo deste trabalho.

### 3.3 SURGE O PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA

Borges (2007) afirma que em Fortaleza “não se pode afirmar que o período precedente ao carnaval fosse significativo em termos de movimentação festiva na cidade até ao final da década de 1970”, o que coloca o início do pré-carnaval de Fortaleza para a década de 1980. Segundo a autora, os primeiros registros são as "batalhas de confetes" promovidas pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) e a Federação dos Blocos Carnavalescos do Ceará (FBCC).

[...] surgiram iniciativas de reanimar as atividades carnavalescas na capital a partir da criação de atividades pré-carnavalescas. Nesse sentido, as agremiações carnavalescas do carnaval de rua foram pioneiras de uma programação pré-carnavalesca promovida pela PMF e FBCC. Tratava-se das "batalhas de confete", realizadas de 1980 a 1982. As "batalhas de confete" eram festas carnavalescas animadas por uma das agremiações do carnaval de rua, em praças ou outros equipamentos públicos [...] Elas tinham o caráter eminente de festa de bairro, pois dezenas delas eram descentralizadas. (BORGES, 2007, p.241).

Ainda sobre os marcos históricos do Pré-Carnaval de Fortaleza, Borges (2007) destaca o bairro da Praia de Iracema como um dos primeiros a surgirem com bandas e blocos locais. A Banda de Iracema é tida como uma das responsáveis pelo surgimento do Pré-Carnaval.

A Banda de Iracema propunha-se a iniciar suas atividades no último sábado do ano que antecede o carnaval do ano vindouro. Seus organizadores lançam um apelo à gente “liberada”, “descontraída”, “de bem com a vida”,



e a imprensa local fazia uma associação direta aos turistas. (BORGES, 2007, p. 242)

Além das "batalhas de confete e da Banda de Iracema, outro marco histórico é o surgimento do bloco Periquito da Madame, que tinha como seu organizador Janius Soares, cidadão cearense, nascido em Fortaleza, boêmio e músico profissional. Em entrevista ao jornal O Povo do dia 20 de janeiro de 2010, o músico coloca-se como o precursor do Pré-carnaval de Fortaleza, tendo a inspiração advinda de experiências com os carnavais de São Luiz e Salvador.

Já no segundo ano de vida, 1981, o bloco foi convidado a se apresentar no Clube dos Diários, à época, localizado na orla de Fortaleza. Segundo Janius, "[...] era tanta gente que ficava um pessoal do lado de fora e o bloco tinha que sair pelas ruas". (Jornal O POVO, 2010).

Fato conhecido e marcante na história do Pré-Carnaval de Fortaleza, em alusão ao sambódromo do Rio de Janeiro, a apoteose do samba carioca, a saída do Periquito da Madame pela orla de Fortaleza, na avenida Beira Mar, teve sua concentração chamada de periquitódromo. Sendo esta a versão oficial e justificada por Janius.

Sobre o termo periquitódromo, este merece uma atenção especial, já que no Ceará o termo "periquito" também pode ser relacionado ao órgão sexual feminino. Nos tempos de Periquito da Madame, as mulheres tinham grande presença do lado de fora do Clube dos Diários, onde se concentravam as pessoas, que não adentravam ao clube, e esperavam pelo cortejo do bloco.

Portanto, apesar da versão oficial em referência ao sambódromo carioca, a brincadeira carnavalesca também deve ser encarada como alusão ao termo "periquitódromo", ficando as duas versões como parte da história.

Borges (2007) afirma que ambos os blocos, tanto a Banda de Iracema quanto o Periquito da Madame, foram inspirados na Banda de Ipanema e seu jeito de fazer o cortejo carnavalesco. Também é com o Periquito da Madame que aparece a primeira participação do poder público no Pré-Carnaval, em 1986, com a EMCETUR e o Periquito da Madame.

Em 1986, já eram 10 mil adeptos, dos quais se supunham muitos turistas. Neste ano, a banda contou com carro de som cedido pela EMCETUR. As autoridades ligadas a cultura na cidade tentaram que a banda participasse do carnaval de rua, sugestão rapidamente descartada. (BORGES, 2007, p. 245)

Contudo, para Cruz (2010) o Pré-Carnaval de Fortaleza só irá realmente virar um evento tradicional da cidade na década de 1990 com surgimento de blocos no bairro universitário, o Benfica.

Devido ao incipiente número de blocos de pré-carnaval na década de 1980, foi somente nos anos 1990, com o surgimento do bloco 'Quem é de Bem Fica', que essa modalidade de festa se firmou em Fortaleza. (CRUZ, 2010, p.7).

A partir de meados dos anos 1980 e início da década de 1990 o Pré-Carnaval de Fortaleza acontecia, principalmente, nos bairros localizados próximo a orla marítima da cidade. Novos blocos são criados, inclusive, de acordo com Janius Soares, como forma de desafogar a multidão que o Periquito da Madame aglomerava.

Os blocos "Peru do Barão", "Brasil Que Merda é Essa" e "O Cheiro é o Mesmo" foram criados logo após o "Periquito Madame". Segundo seu Janius, o primeiro foi ao seu pedido, como tática para dividir a multidão que os seguia. (Jornal O POVO, dia 20/01/2010).

Também no final da década de 1980, onde acontece a eleição do Governador Tasso Jereissati (1987/1990), e, cujo governo é conhecido como o "governo das mudanças". Coriolano (1998) classifica o período como a "fase dos empresários".

Pode-se afirmar que o turismo foi introduzido programadamente no Ceará, de forma mais arrojada, pelas políticas públicas de desenvolvimento econômico, no final da década de 1980, com o Plano de Mudanças, do governo Tasso Jereissati (1987/1990). Neste governo, o Estado passa a considerar o turismo como um dos eixos de propulsão da crescente economia local. Até então, o turismo no Ceará era uma atividade econômica de pouca relevância, com ações desarticuladas, visando somente trazer turistas ao estado, sem uma preocupação maior com a vinculação do turismo à macroeconomia estadual. (CORIOLANO, 1998, p. 6).

Neste sentido o Plano de Mudanças do Governo Jereissati (1987, p.135) divulgava que para o eficiente aproveitamento do potencial turístico do Ceará, no sentido de contribuir para o desenvolvimento social e cultural, estabelece algumas diretrizes: Promover o produto turístico cearense nos principais centros de emissão de turistas nacionais e estrangeiros através de campanhas promocionais, folhetaria, divulgação do calendário anual de eventos turísticos e realização de encontros comerciais; Promover campanhas educativas visando criar uma mentalidade turística na população; Apoiar a cultura local através do estímulo às manifestações folclóricas, artesanais e artísticas; Tombar e preservar os atrativos naturais e

culturais de interesse turístico; Promover a instalação de complexos turísticos capazes de integrar a infraestrutura os serviços, nas áreas de elevado potencial turístico.

Posteriormente ao governo Jereissati, o seu sucessor e apadrinhado político, Ciro Gomes “acaba sequenciando os projetos anteriores” com o “O Plano-Plurianual (1991/1994)”, como bem destaca Coriolano (1998). Dentre as novas propostas estabelecidas, aparece a busca por – realizar projetos de animação turística em Fortaleza nos períodos de alta estação – o que iria resultar na criação do Fortal, uma espécie de Carnaval fora de época, mais conhecido como Micareta e que existe até os dias de hoje em Fortaleza, durante o mês de julho.

É, portanto, nos anos noventa que o Pré-Carnaval começa a ganhar uma nova roupagem. Dentre as modificações mais significativas, a adoção de trio elétrico, o que assemelhou a festa local ao modelo adotado no carnaval de Salvador. Com o apoio da PMF, do Governo do Estado e do Sistema Verdes Mares de Televisão, o resultado final das modificações foi a privatização do Pré-Carnaval que acontecia nas intermediações da Avenida Beira Mar.

A busca do autofinanciamento incitou os organizadores da Banda Periquito da Madame a lançar, em 1992, nova estratégia, que foi a construção na Avenida Beira-Mar de uma estrutura de camarotes a serem alugados nas apresentações da banda. No ano seguinte foi inaugurada mais uma etapa do processo de comercialização da folia com a introdução de uma corda de isolando os foliões que pagaram para participar da banda dos que não o haviam feito [...]. Estava efetuada, assim, a privatização da participação festiva pré-carnavalesca nas ruas da cidade. (BORGES, 2007, p. 248).

Desta forma, nos anos noventa que observamos que o Pré-Carnaval caminha em dois sentidos. O primeiro é registrado pelos blocos de rua já aqui citados e que continuam a fazer seus cortejos pelos bairros da Praia de Iracema e Benfica. Já o segundo, tem como principais características a utilização da Avenida Beira Mar como apoteose e os trios elétricos que puxam os foliões, seja os que pagam para estar dentro do bloco, ou os que acompanhavam o trio fora do perí-<sup>58</sup> das cordas de privatização.

De acordo com Gaudin (2000), os blocos do Pré-Carnaval financiavam-se até o início da década de 1990 com subvenção de poderes públicos e patrocínio publicitário de empresas privadas, além de iniciarem vendas de camisetas como forma de arrecadarem dinheiro. Já, Borges (2007) registra que o bloco Bandalheira, “ao ser lançado em 1992, criado por jornalistas, notadamente do O Povo, e por outros

profissionais de comunicação, esse bloco contava com o apoio financeiro de uma meia dúzia de empresas locais, além do apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza”.

Já em 1993, o bloco obtém subvenção do governo do Estado, porém, teve decretado seu fim em 1994, pois, “seus principais patrocinadores haviam transferido seu apoio financeiro para o que se pronunciava ser mais promissor: o Fortal”, a micareta do Ceará que dura até os dias de hoje.

A micareta é, paradoxalmente, uma festa pública e privada; desigualitária e elitista na sua organização, ela é, ao mesmo tempo, aberta e comunitária em sua realização. De fato, numa situação de autopromoção e de campanha de sedução de uma clientela potencial, os organizadores oferecem, gratuitamente e a todos, a possibilidade de gozar do espetáculo e de participar da festa, mesmo que sendo somente numa parte do desfile e como foliões de segunda categoria. (GAUDIN, 1999, p.7).

O surgimento do Fortal tem impacto na subvenção governamental disponibilizada para as agremiações do pré-carnaval e do próprio carnaval de Fortaleza. Um caso bastante peculiar é registrado em 1998, onde o prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, pressionado pelo lobby do Fortal não concedeu subvenção municipal para a realização do desfile de carnaval de rua (GAUDIN, 2000). Inclusive, o fim do Pré-Carnaval dos trios elétricos também está associado ao Fortal. Borges (2007) afirma que “a realização do ‘pré-carnaval dos trios elétricos prosseguiu até 1999, quando sua proximidade do carnaval inviabilizou-o comercialmente”.

Em 1994, blocos de trios que haviam de apresentado pela primeira vez no Fortal do ano anterior, estimulados pelo sucesso da sua empreitada, lançaram três blocos de trio no pré-carnaval da cidade. Esse desfile de trios, contando cada um com seu bloco de foliões ‘na corda’, tornou-se o evento comercial denominado ‘pré-carnaval’ em Fortaleza, cuja organização era da empresa cearense Som na Praça, que possuía os únicos trios elétricos do estado. Os blocos de trio eram animados por três grupos locais (Zanzibar, Pimenta Malagueta e Banda som na Praça) e por um grupo de música de Axé da Bahia, seguido pelo Periquito da Madame, que nesse ano confirmou sua transformação em bloco de trio. (GAUDIN, op. cit. p. 131).

O fim do Pré-Carnaval dos trios (1990/1999), em função do segregador evento Fortal, acaba por culminar num movimento espontâneo de resgate das tradições carnavalescas de Fortaleza. A partir dos anos 2000 o Pré-carnaval de Fortaleza terá um novo momento como iremos verificar no próximo capítulo.

## 4 PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA E TURISMO

A virada do século XX para XXI, mais precisamente os anos 2000 e 2001 é emblemática para o Pré-Carnaval de Fortaleza. Os dois anos citados estão inseridos num contexto de readaptação da festa, de ressignificação dos espaços e, claro, dos casos inesperados que marcam e viram parte da história.

Analisando os acontecimentos, os períodos e a participação do poder público na gestão do Pré-Carnaval de Fortaleza, até este momento, observa-se que o turismo aparece como um argumento relevante no processo de construção da identidade cultural do Pré-Carnaval (BRASILEIRO; MEDINA, 2012).

Aqui, a tipologia demonstrada por Hall (2006) em relação a análise do processo de globalização sobre as identidades culturais, parece-me um bom exemplo para entendermos o desenvolvimento do objeto de estudo deste trabalho.

Com o surgimento do Fortal, logo após o período pré-carnavalesco da década de 1980, a cidade de Fortaleza vivenciou um processo de privatização do Pré-Carnaval, o que revela a existência de um processo de desintegração de elementos da cultura vigente. O que era público torna-se privado, as músicas e os ritmos são modificados e os espaços, antes coletivos, acabam por serem segmentados e privatizados.

Contudo, em paralelo ao direcionamento público e a desintegração da cultura local, existe uma resistência cultural que adota postura de negação do processo global e opta pela valorização da cultura e tradições locais. Esta postura culminará numa hibridação entre os elementos globais e locais, o que dará origem a uma nova cultura, neste caso específico, numa nova forma de se fazer o Pré-Carnaval de Fortaleza como veremos a seguir.

### 4.1 INÍCIO, O FIM E O MEIO DO PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA

Com o último desfile do Pré-Carnaval dos Trios Elétricos em 1999, o que fica para vingar são os festejos pré-momescos relacionado aos blocos de rua, os blocos (manifestações culturais) que não recebiam oficialmente apoio governamental ou subvenções públicas. Entretanto, o que é reportado na imprensa é o fim por completo do período pré-momino.

Sobre o "fim" do Pré-Carnaval, o jornal O POVO de 12 de fevereiro de 2000 publica uma reportagem com a seguinte manchete: Falta de Credibilidade leva Pré-Carnaval à Falência.

Já não existe mais o Pré-Carnaval. Ontem, um comunicado do bloco 'Jenipapo' e da 'Som na Praça Produções', empresa organizadora do evento, anunciou o cancelamento da micareta que desde 1992 antecedia o Carnaval. O motivo alegado é que não haveria sentido o desfile de um só bloco [...] Em nota no O POVO, o "Araboneco" justificou a desistência de participar do evento. Segundo eles, o Pré-Carnaval não tinha mais credibilidade e não conseguia atrair nem foliões e nem patrocínios. (O POVO, 12 de fevereiro de 2000, p. 4A).

Na mesma página do jornal O POVO pode-se acompanhar uma nota coordenada trazendo a informação que o bloco pré-carnavalesco "Quem é de Bem Fica", originário do bairro Benfica, também estava encerrando suas atividades devido à falta de presença do poder público, o que acarretava uma série de problemas com a multidão e os moradores.

O Bloco "Quem é de Bem Fica" sai hoje pela última vez. As constantes reclamações da população do Benfica levaram a secretária Teodora Ximenes da Silveira, da SER – IV, a suspender o bloco. Segundo o Secretário de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, Latagan Costa, desde o início, a SER – IV acompanha o evento, sempre avaliando as condições de realizações. Porém, nos últimos sábados, o uso de carros de som após às 22h, brigas e até a 'prática de atos libidinosos na praça', segundo Latagan, levaram ao cancelamento do Bloco. Ficou claro nos últimos sábados que o evento estava fora de controle, não havia mais condições para que o evento continuasse se realizando, afirmou. (O POVO, 12 de fevereiro de 2000, p. 4A).

Sobre o fim do Bloco ícone do bairro Benfica, um dos seus organizadores e fundadores, Dilson Pinheiro, em entrevista ao Jornal O Povo afirma que a ausência do poder público foi o grande responsável pelo fim do "Quem é de Bem Fica". No jornal o O Povo do dia 21 de fevereiro de 2000, uma reportagem relata como se deu o fim do famoso bloco e dá conta de um curioso caso de Pré-Carnaval, que envolve o fim do bloco e a tentativa de empoderamento do "capital político" da multidão que ali se formava. Na Figura 7 pode-se ver a tentativa de amenizar problemas.

Figura 7 - Bloco Quem é de Bem Fica - 17 janeiro de 2000



Fonte: Arquivo Diário do Nordeste.

De acordo com o jornal O POVO, “apesar da liminar judicial que suspendeu o Pré-Carnaval do 'Bloco Quem é de Bem Fica', a festa voltou a ocorrer no último sábado sob o patrocínio do recém-formado 'O Benfica é Nosso’”. Na continuidade da matéria a secretária Teodora Ximenes da Silveira, então titular da SER – IV, afirmou que o responsável por organizar o novo bloco é o vereador de Fortaleza Ivá Monteiro (PTB), que durante a semana teve negado o pedido de autorização de pôr o bloco na rua.

Segundo a secretária o vereador “Ivá Monteiro agiu com total irresponsabilidade. Ele se aproveitou da situação com fins eleitoreiros.” Mesmo com a proibição, o bloco anárquico, que só existiu por um dia, saiu. Segundo consta na matéria a folia reuniu aproximadamente 1.500 pessoas, de acordo declarações do Tenente Costa, oficial da Polícia Militar do Ceará.

Tratando-se ainda sobre o fim do "Quem é de Bem Fica", segundo Dilson Pinheiro, a história possui mais detalhes e “o bloco foi suspenso pela coordenação devido um incidente ocorrido após o último dia de apresentação.” Em entrevista presencial concedida durante a elaboração deste trabalho, o carnavalesco e fundador do “Quem é de Bem Fica” revelou detalhes da incidente chave que culminou com o encerramento do bloco.

Tínhamos a autorização da Procuradoria Geral do Município. Vou contar a história, por que foi eu, infelizmente, o cara que bateu o martelo. Cheguei para os outros três e disse:

– Eu ‘tô’ fora! Se vocês quiserem continuar está aí. Eu ‘tô’ fora!

Terminamos o bloco entre nove e meia, dez horas (21:30h-22:00h) e fomos tomar uma cervejinha. Neste dia não teve nenhuma confusão, não teve nenhuma chatice, graças a Deus. Só os carros de som, mas já tinham ido embora, alguns pingados, mas, ficou um carro 'truando'. Então, chegou uma pessoa me falando que havia duas senhoras que estavam loucas e me chamando na rua João Gentil, já chegando no Bar do Chaguinha. Já estava tudo fechado, só havia três rapazes, sentados em banquinhos deles mesmos, na frencarro suzuki branco, com um som estrondoso. As duas velhinhas de camisola me mostraram o que a vibração do som fazia na porta da casa delas. Até hoje eu sinto a mão dela apertando meu braço e dizendo:

- Dilson, pelo amor de Deus, acabe com isso, é meia noite e eu não consigo dormir.

Aí eu fui falar com os 'caras':

- Boa noite, boa noite. De quem é esse carro com o som?

- É meu, respondeu o mais novo, com um copo de whisky na mão e rindo.

- Rapaz, faça a gentileza. Está vendo aquelas duas senhoras? Elas não estão conseguindo dormir por causa desse som. O bloco acabou às 22:00h.

Ele olhou 'pra' mim, sorriu e perguntou:

- 'Tú' é o dono da rua?

Eu olhei, me deu uma vontade de ter uma reação diferente. Mas, me controlei e lembrei de meu pai. Eram três 'né'? Meu pai dizia: Com um você briga, com dois você se defende, mas com três você apanha. Aí eu perguntei 'pro' rapaz se ele vinha sábado. Ele disse que viria e iria botar o som de novo. Então, eu respondi: Pois você acabou com nosso bloco. Pessoas como vocês acabaram com o nosso bloco. Sábado não vai ter mais bloco. Dei as costas 'pra' eles, fui até as senhoras e pedi pra aguentar só por aquele dia, porque no próximo sábado não iria ter mais. Voltei chorando 'pra' mesa, um choro particular, arrasado. Cheguei na mesa, minha mulher perguntou o que tinha acontecido, e eu lhe disse que não queria mais fazer o bloco. (DILSON PINHEIRO, 29/01/2015, entrevista ao autor).

Além do fato aqui relatado, Dilson Pinheiro também responsabiliza alguns moradores do bairro Benfica, os ambulantes e, como pode ser notado no depoimento, a ausência do poder público, como os principais fatores para que o "Quem é de Bem Fica" deixasse de existir.

Deste episódio, narrado por Dilson Pinheiro, percebe-se a importância da participação cidadã espontânea e do esforço dos líderes carnavalescos responsáveis pelas manifestações culturais nos espaços públicos. A busca da ampliação e conseqüentemente a saída do eixo tradicional do Pré-Carnaval, que é a Praia de Iracema e a Avenida Beira-Mar, coloca uma série de obstáculos a serem enfrentados pela folia pré-momina fortalezense.

Aqui sentimos falta de um trabalho da Prefeitura de preparação dos foliões para a chegada do Pré-Carnaval e do Carnaval da cidade. Dentro de nossa pesquisa evidenciamos que não existe nenhuma campanha publicitária ou educativa sobre o valor de se preservar e respeitar a manifestação popular. O cidadão não recebe nenhum incentivo para que se sinta partícipe não só da folia, mas da sua



manutenção, preservação e evolução. Desta forma, o sentimento público não é introjetado nos foliões, o que acaba por gerar este tipo de acontecimento narrado por Dilson Pinheiro, que veremos ser recorrente com o passar dos anos.

Sobre a importância da percepção coletiva em relação a manifestações populares como um bem cultural, Santos (1998) destaca a importância das significações culturais e do processo produtivo que desemboca na solidificação do pensamento coletivo e aceitação da cultura local.

Assim como a cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialização são, de certo modo, sinônimas. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento. É, por isso, que as migrações agredem o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar. Desterritorialização é frequentemente outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são, também, desculturização. (SANTOS, 1998, p. 61).

A queixa pela falta de apoio do poder público e com isso das intervenções indesejadas pelos produtores e, a dificuldade de firmamento enfrentado pelos blocos também pode ser vista em matéria do Diário do Nordeste de 17 de janeiro do ano 2000, que traz uma declaração de Valdemir Borges, cidadão cearense, morador da Praia de Iracema, carnavalesco por vocação, um dos fundadores do bloco "O Cheiro é o Mesmo"<sup>8</sup>, onde também destaca o poder da festa em atrair turistas. "Segundo ele, a cada ano está cada vez mais difícil arrumar patrocínio entre a iniciativa privada. Nós também atraímos turistas, mas o governo não nos apoia." (DIÁRIO DO NORDESTE, 2000).

Sobre o argumento relativo à atração turística levantado pelo diretor do bloco, a Organização Mundial do Turismo caracteriza o turismo como uma atividade demandadora de mão-de-obra, que possibilita o empreendedorismo de pequeno porte, geradora de empregos em todas as classes e gêneros e localidades (mesmo para indivíduos sem qualificação), como nas atividades relacionadas ao turismo

---

<sup>8</sup> O Bloco " O Cheiro é o Mesmo" foi fundado no dia 19 de novembro de 1992, por obra de figuras ligadas diretamente ao carnaval de rua e as artes, como Descartes Gadelha, Valdemir Borges, Francisca Soares Monteiro e Roberto Azevedo. Segundo Dilson Pinheiro, o bloco " O Cheiro é o Mesmo" nasce de uma dissidência de membros do bloco "A Merda", que, para ele, foi "uma besteira que já foi resolvida".

cultural e diversas outras formas de turismo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO, 2010).

Também é na virada do século XX que se registra o pré-carnaval na Rua Lauro Maia, no bairro da Piedade. A rua abriga até os dias de hoje o bar do Veveu, um recinto boêmio que é notório por servir como refúgio de artistas do quilate de Raimundo Fagner e Falcão, baluartes da classe artística cearense.

O bloco que ocupava a rua se chamava "A Boa Raça da Gente Ruim de Lauro Maia", tinha como uma das organizadoras Sandra Magalhães e segundo a mesma, no ano 2000, cerca de 6 mil pessoas passaram pela rua Lauro Maia para participar da folia, já no ano 2001, ainda segundo Sandra, foram 12 mil brincantes reunidos (DIÁRIO DO NORDESTE, 2001).

No ano de 2001, registra-se uma nova tentativa de colocar o Pré-Carnaval como um evento do calendário de Fortaleza. Foi lançado pela Prefeitura de Fortaleza o projeto intitulado Carnaval do Milênio. Entretanto, o Jornal O POVO de 15 de janeiro de 2001 é impresso com a seguinte matéria: Suspensão da abertura do Pré-Carnaval gera críticas.

De acordo com o que observamos na reportagem acima, uma sucessão de disse me disse e jogos de empurrar responsabilidades acabaram por implodir o lançamento oficial da folia, que, mesmo assim, não deixou de acontecer. Entrevistado pelo jornal Diário do Nordeste, o coordenador do bloco "Vampiros da Princesa", Milton de Sousa, alegou que existiu uma confusão entre a empresa responsável pela fabricação das camisas e um misto de falta de divulgação, caracterizando-se como causa preponderante para o então frustrado lançamento.

Ainda sobre o projeto intitulado "Carnaval do Milênio", em entrevista ao jornal Diário do Nordeste de 20 de janeiro de 2000, o então presidente da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de Fortaleza (FUNCET), Barros Pinho afirmou que o "Carnaval do Milênio é a entrada definitiva do carnaval de rua da capital numa nova era, onde o objetivo é manter os foliões na cidade, tanto os locais como os turistas". Destaco na reportagem as declarações de Barros Pinho sobre a contraditória participação da Prefeitura de Fortaleza na organização da folia.

[...] a organização da festa é das agremiações carnavalescas, mas a gestão continua com a Prefeitura. Desde o ano passado que tentávamos executar esse projeto, para que as agremiações saíssem da mendicância, dessa dependência do poder público. Hoje, a Prefeitura é uma parceira, apoio de entidades fortes como a Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL). Com relação as festas alternativas afirma que a Prefeitura está dando todo apoio as

bandas da Praia de Iracema, através da Regional II. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2001).

Ainda em 2001, no dia 20 de setembro, os representantes dos blocos “Periquito da Madame”, “Num Ispaia se Não Enche”, “Pula Araxá”, “Vampiros da Princesa”, “A Merda”, “O cheiro é o Mesmo” e “Schoolhamba Samba” estiveram reunidos com o presidente da FUNCET, Barros Pinho, no Hotel Plaza Praia Suítes, em Fortaleza, para debater o roteiro do Pré-Carnaval 2002.

Na ocasião o representante do poder público declarou ao jornal Diário do Nordeste (21/9/2001) que "A FUNCET quer fortalecer o pré-carnaval, que funcionará como uma prévia do carnaval da cidade". Na mesma matéria Barros Pinho cita uma pesquisa realizada pelo instituto de pesquisa Zaytec, onde o resultado aponta que a maioria dos fortalezenses aprova a realização do Pré-Carnaval de rua, o que reforça a intenção do poder público de dar maior importância aos festejos pré-momino.

Por fim, ainda no ano de 2001 e na virada de século para o Pré-Carnaval de Fortaleza, um dos blocos que julgamos responsável pela alavancada dos festejos pré-mominos de Fortaleza devido à capacidade de aglomerar multidões, é o bloco “Concentra Mais Não Sai”, recém-fundado nesta cidade. Segundo Marcus Vinícius de Oliveira, cidadão cearense, morador do bairro Papicu em Fortaleza, carnavalesco diretor e fundador do bloco, em entrevista para este trabalho disse que, "o bloco foi fundado em 2001, mas só veio a concentrar em 2002", como veremos no decorrer do trabalho.

De acordo com Marcus Vinícius de Oliveira, além dele, estavam presentes na reunião de fundação Vólia Barreira, Eva Caldas, Renato Ribeiro, Marta Pinheiro, Marcus Vale, Verbena Vale, Lana Aguiar, Laís Barreira, Betânia Montenegro e Tania Saboya. O local da reunião foi na própria residência de Marcus, na Rua Gilberto Studart, no bairro do Cocó.

#### 4.2 PRÉ-CARNAVAL E TURISMO NO SÉCULO XXI

Com a virada do século e passados dois anos do fim do Fortal, o Pré-Carnaval de Fortaleza começa a ser percebido como uma atração da cidade. O número de blocos segue crescendo, bem como a participação dos fortalezenses e dos que visitam a cidade no período. Desta forma, o acentuado crescimento do turismo cultural, com seus dividendos econômicos para o governo municipal e

também para o governo estadual, tem resultado em maior atenção e participação pública na folia pré-carnavalesca de Fortaleza.

Em 2015, o Ceará recebeu 1.023.485 turistas na alta estação. O período da alta estação compreende os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, meses em que o Pré-Carnaval é realizado. A demanda de visitantes teve um acréscimo de 5,3% em comparação com os números do mesmo período de 2014, quando o Estado recebeu 971.350 turistas. Foi gerada uma receita de R\$ 2,1 bilhões durante a alta estação, número 23,8% maior que 2014. Os dados são da Secretaria do Turismo do Ceará (SETUR).

Também, segundo a SETUR, durante a alta estação de 2015, a rede hoteleira do Estado teve ocupação de 76,7%, número também maior do que o registrado no ano anterior (73,5%). A maioria dos turistas que vieram ao Estado se hospedou na rede hoteleira (53%). O restante ficou em casa de parentes (37%), em casa ou apartamento alugados (6%) ou em casa própria (4%). A maioria (55%) veio ao Estado a passeio e 23% para visitar parentes ou amigos. A alta estação englobou os feriados de Natal, Réveillon e Carnaval.

Pesquisando o levantamento do número de visitantes da última década, em 2004, o mesmo período de alta estação recebeu a visita de 505.746 turistas (SETUR), desde então, o Ceará só contabiliza o crescimento de visitantes no período da alta estação.

Importante salientar que o turismo cultural é uma das mais importantes variações do mercado do turismo. Aqui citamos a manifestação popular como atrativo, contudo, o turismo cultural abrange uma série de possibilidades que incluem arquitetura, museus, sítios arqueológicos, festivais e todo tipo de singularidade de um povo.

O turismo cultural é um dos principais segmentos do turismo, de modo geral pode ser associado com outras atividades turísticas. Pode ser definido com uma atividade de lazer educacional que contribui para aumentar a consciência dos visitantes e sua apreciação da cultura local em todos os seus aspectos – históricos, artísticos etc. Além disso, é uma forma de turismo que, entre outros objetivos, envolve a apreciação de monumentos e sítios históricos, contribuindo desta forma para a manutenção e proteção do patrimônio cultural e natural da humanidade. (DIAS; AGUIAR, 2002, p. 133).

Conquanto, é somente a partir de 2002, quando começa a ser reportado com maior espaço na mídia regional de grande circulação, é possível perceber uma maior participação do poder público e imprensa local no grandioso evento do Pré-

Carnaval. Fato marcante dessa mudança de atitude governamental foi o nome oficial escolhido pela Prefeitura de Fortaleza para o Pré-Carnaval de 2002 - "É Banda Pra Todo Lado" – o então prefeito da cidade, Juraci Magalhães (2001/2004), realizou a tradicional entrega da chave da cidade para o Rei Momo no dia 2 de fevereiro, o segundo sábado de Pré-Carnaval" (DIÁRIO DO NORDESTE, 2002).

Na matéria do DIÁRIO DO NORDESTE, com o título "Trupe de Foliões Invade Praia de Iracema", já é possível perceber um maior entusiasmo por parte da imprensa, que no ano 2000 decretara a morte do pré.

Seis blocos garantiram cor, beleza e alegria ao carnaval antecipado: "Periquito da Madame", "Que Merda é Essa", "Xêro", "Vampiros da Princesa", "Pula Araxá" e "Num Ispaia Senão Inhenxe". Um encontro inédito de toda a animação que costumava ficar isolada e, aparentemente adormecida, no período pré-momino de Fortaleza. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2002, p. 11).

Pesquisando os jornais da época, outra matéria que também marca o entusiasmo com o Pré-Carnaval do ano de 2002 faz referência a Wladiza Mesquita, coordenadora do bloco "Carnavalescos do Araxá", que desfilava pelas ruas do bairro Parque Araxá.

Um bairro inteiro reunido em torno de um único objetivo: resgatar em definitivo o carnaval tradicional, com todo o romantismo e a musicalidade que lhe é peculiar. Essa é a realidade que começou a ser vivida pelos moradores do Parque Araxá. Até o início da festa momina de 2002, o bloco "Carnavalescos do Araxá" promoverá, todos os sábados, o pré-carnaval que promete se tornar um evento marcante [...] Os moradores simpatizaram facilmente com a ideia e foram os grandes responsáveis pela realização do pré-carnaval desse ano. Através de um abaixo assinado, solicitaram que o bloco fosse novamente organizado para que a festa pudesse continuar, afirmou a coordenadora da festa, Wladiza Mesquita. (DIÁRIO DO NORDESTE, /2002, p. 9).

Como foi dito, em 2002 também é o ano de estreia do bloco "Concentra Mas Não Sai", que inaugura sua participação no Pré-Carnaval de Fortaleza utilizando a Praça Francisco Rodrigues Sancho, situada no bairro do Papicu, como base para a folia pré-momina. Segundo Marcus Vinícius Oliveira, um dos fundadores do "Concentra", "o primeiro sábado do bloco reuniu trezentas pessoas [...] Quando foi no fim do primeiro ano já tinha umas duas mil pessoas lá na praça."

Aqui destacamos que o "Concentra Mais Não Sai", além do fato de ganhar grandiosidade em relação ao número de frequentadores, de forma muito rápida, deve ser lembrado na história do Pré-Carnaval de Fortaleza por lançar uma nova modalidade de bloco pré-carnavalesco. A partir da criação do bloco "Concentra Mais

Não Sai” dá-se o surgimento de outros blocos que optam pela negação do desfile (curso ou cortejo).

Sobre o fato de negar o desfile e acabar por influenciar uma série de blocos que virão pós “Concentra Mais Não Sai”, aqui destaco que manifestações populares estão sempre sujeitas a transformações e modificações, sendo, para alguns pensadores, essas mudanças, um processo natural.

Ocorre que toda manifestação popular sofre transformações ao longo do tempo, pois a recriação coletiva faz parte de todas as ações, sejam danças, ritmos, músicas etc, que incorporam a novidade, selecionando-a e adaptando-a, tornando-a popular, justamente porque a sua criação é um processo contínuo e que ocorre em função das necessidades da comunidade. Muitas vezes, quando se defende a "pureza" de uma determinada manifestação popular, se está, na realidade, interrompendo um processo de modificações contínuas que enriquecem a ação coletiva. (DIAS; AGUIAR, 2002, p. 140).

O próprio hino do bloco, de autoria do músico e professor da Universidade Federal do Ceará, Marcos Vale, retrata muito bem o espírito do bloco, onde no seu último verso explica a origem do nome do bloco e a opção pela negação do desfile:

#### HINO DO CONCENTRA MAIS NÃO SAI

(Autoria: Marcos Vale - 2002)

O nosso frevo é marcha rancho com certeza/ o nosso samba é bossa nova com moleza/nosso bolero a gente dança como xote/ e o nosso rock não passa de foxtrot/  
A gente brinca, a gente morre de achar graça/ curtindo sempre a danada da cachaça/ a gente sonha muito com a festança/ mas na hora do desfile a gente cansa/A gente ameaça, mas não vai.../ quem é que quer acompanhar/ bloco que concentra, mas não sai.

Ainda sobre a negação ao desfile, de acordo com Marcus Vinícius Oliveira, “a ideia era ter uma banda tocando e reunir os amigos para brincar antes do carnaval, já que no carnaval a turma não ficava em Fortaleza. Por isso a gente não sai”. Ainda segundo o fundador do “Concentra”, “no primeiro ano até que o bloco se mexeu, andou coisa de 100 metros e voltou ‘pras’ mesas onde a gente ficava, mas foi a única vez”. Outra característica marcante do “Concentra Mais Não Sai” é que nenhum dos organizadores ou fundadores é músico e não participa como instrumentista do bloco, sendo todos os músicos contratados a cada exibição do bloco.

Contudo, mesmo diante do entusiasmo reportado pelos jornais de grande circulação, da crescente participação popular e do crescimento do número de blocos, não se registra nenhuma ação do poder público para divulgar o Pré-Carnaval para os turistas que ocupam a cidade no período da alta estação e lotam os hotéis da cidade.

Neste ponto, sentimos falta de uma campanha voltada exclusivamente para os turistas conhecerem o Pré-Carnaval de Fortaleza, ou algum tipo de evento publicitário, seja um desfile na Beira-Mar ou uma recepção no aeroporto e rodoviária da cidade. Enfim, o número de possibilidades para atrair turistas que aqui estão e divulgar o Pré-Carnaval é extremamente abrangente e nada é feito pelo poder público. Com isso a manifestação perde em repercussão e alcance, o que reflete na construção dos argumentos relacionados a manifestação popular enquanto atrativo turístico da cidade.

#### 4.3 EVOLUÇÃO DOS BLOCOS, VISITANTES E DAS CRÍTICAS

O Pré-Carnaval de 2003 chama a atenção pelo crescimento, no que diz respeito ao número de blocos e pela cobrança de investimentos públicos oficiais, que até aqui não se tem menção. A reportagem do Diário do Nordeste, de 13 de janeiro de 2003, aponta que o total de 12 blocos irão compor a festa pré-momina e mostra Wladiza Mesquita falando sobre algumas das dificuldades encontradas pelos blocos.

O evento conta com o apoio da Prefeitura de Fortaleza, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e de outras entidades. Mas, a única renda de que o bloco dispõe é a venda de suas camisetas. 'É difícil fazer pré-carnaval e carnaval em Fortaleza. Os recursos são mínimos', afirma Wladiza. Mesmo assim, existem 12 blocos que se propõem a fazer carnaval nos bairros da cidade, de forma voluntária. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2003, p. 8).

Ainda sobre a participação do poder público no Pré-Carnaval de 2003, uma matéria do jornal o Povo, de 1º de fevereiro de 2003, noticia que "a FUNCET está dando apoio logístico com iluminação e organização de trânsito no pré-carnaval". Na mesma matéria o jornal aponta que um dos blocos mais tradicionais do Pré-Carnaval de Fortaleza, o "Que Merda é Essa", da Praia de Iracema, estava completando 20 anos.

Em 1983, surgiu a ideia de um grupo de amigos de formar um bloco para fazer "uma curtidão" no período que antecede o carnaval. Nas reuniões para

decidir o nome do bloco, uma pessoa disse: Que merda é essa? Vocês não decidem o nome, conta Mônica Andrade, organizadora do evento. O bloco começou com o fim da escola de samba Girassol, a mais bonita da cidade, garante Mônica. (O POVO, 2003, p. 4).

Também em 2003, podemos constatar uma maior distribuição dos blocos pelos bairros de Fortaleza. Na mesma matéria do jornal O Povo do dia 1º de fevereiro, uma nota coordenada destaca a criação do bloco pré-carnavalesco “Rico de Pé”, que aglutina foliões na Praia do Futuro, além da exibição do “Concentra Não Sai”, no bairro do Papicu.

O bairro do Benfica também é novamente mencionado pela mídia devido ao surgimento dos blocos “A Porra da Cachorra”, “Jacaré da Praia” e “Carnavalitos”. Este último sediado no Carlitos Panquecas Bar, que não se apresenta propriamente como um bloco e sim como uma iniciativa do dono de um estabelecimento comercial, Carlos Grossi, que declara querer “continuar o carnaval do Benfica, de maneira pequena, mas com mais organização”. Para isso, Grossi contrata músicos e acaba por oferecer uma banda aos brincantes de rua e frequentadores do bar.

A falta de investimento por parte de patrocínios privados e do poder público também aparece no jornal O Povo, assim como o custo do bloco “Que Merda é Essa?”.

No projeto desenvolvido pelos organizadores há ainda espaço para banheiros, decoração e equipamentos de som para melhorar o esquema do bloco. Mas a falta de verba não permite que uma melhor estrutura seja montada. Os organizadores reclamam da falta de interesse dos patrocinadores. Eles até já possuem um projeto para colocar a logomarca de empresas em camisetas e em painéis do “Que Merda É Essa?”, mas, não encontram os interessados em investir no bloco. Por falta de apoio, estamos na avenida só com a coragem e a emoção, reconhece Eulália Andrade, também organizadora do bloco. Para proteção dos músicos, foram contratados quatro seguranças particulares. Mas é pouco, garante Eulália. Para ajudar nos custos - são gastos cerca de R\$ 2 mil por semana - a organização está vendendo a camisa do bloco por R\$10,00. (O POVO, 2003, p.4).

Também em 2003, registra-se o nascimento do bloco “Unidos da Cachorra”, que se aproxima das baterias das escolas de samba do Rio de Janeiro, contudo, não se limitando apenas a tocar sambas enredos, mas misturando o samba enredo com outros ritmos, dentre eles o *funk* e o *axé*. O presidente e fundador do bloco, José de Castro Moreira, mais conhecido como Gildo, relata que a “Unidos da Cachorra” nasce após o fim do bloco “Porra da Cachorra”, em 2002, que desfilava pelo bairro do Benfica, na rua Marechal Deodoro.



Aí fomos fazer um plebiscito “pra” escolher o nome. Mas nós tínhamos que deixar Cachorra. Podia ser Unidos da Cachorra, Nossa Cachorra, Cachorra Marechal, Cachorra do Benfica, mas tinha de ter a palavra “cachorra” pela história da rua. Aí fizemos a votação e ficaram três nomes: “Nossa Cachorra”, “Cachorra Marechal” e “Unidos da Cachorra”. Votaram, votaram e escolheram “Unidos da Cachorra”. Ficando este nome até hoje, desde 2003. (O POVO, 2015, p..Azuis).

Destaco o bloco “Unidos da Cachorra” pois foi o bloco que levou o Pré-Carnaval para o Centro Cultural do Dragão do Mar, criando um novo eixo, em 2007, para o Pré-Carnaval. O bloco também é conhecido por conter muitos componentes, chegando atualmente a desfilar com mais de uma centena de ritmistas, de acordo com o próprio Gildo. Portanto, no ano de 2003, podemos evidenciar o surgimento 71 mais blocos e o fortalecimento da aceitação do Pré-Carnaval de Fortaleza.

O ano de 2004 assinala a ida do bloco “Concentra Mais não Sai” para o Mercado dos Pinhões, na Praia de Iracema, o que culminaria posteriormente para uma nova mudança, dessa vez, em 2006, para a Praça do Ferreira. Sobre a mudança do bloco, Marcus Vinícius de Oliveira, seu dirigente, ressalta que o grande contingente de foliões e reclamações da vizinhança do bairro do Papicu foram os responsáveis pela primeira mudança do bloco.

Acredito ser importante destacar esta mudança de lugar do bloco, por que aqui se registra algum dos primeiros apoios do poder público para um bloco pré-carnavalesco. Marcus Vinicius de Oliveira fala sobre a cessão do espaço e de segurança.

Foi o espaço, a segurança também era pública, feita com guardas [...] nessa época (risos) a polícia era mais presente do que hoje, digamos assim. Não sei se era mais efetivo, não sei o que era, a gente acessa a polícia mais facilmente e eles ficavam lá presente. Hoje é muito difícil ver os blocos de bairro com segurança por perto. Só tem nos grandes polos, como a Praia de Iracema, Praça do Ferreira e o Benfica que tem guardas e segurança[...] Então o primeiro apoio foi a cessão do espaço. (Entrevista para o autor, 21/01/2015).

O ano de 2004 foi o ano da eleição da professora Luizianne Lins (Partido dos Trabalhadores) para o cargo de prefeita de Fortaleza, período de 2005 a 2012, que em sua gestão ampliou e criou uma nova forma de participação do poder público no Pré-Carnaval de Fortaleza. Foi a partir desta gestão que o Pré-Carnaval de Fortaleza começa a receber subvenção oficial através dos editais públicos de fomentação a cultura. Segundo Cruz (2010) é a partir do ano de 2005 que o apoio público direcionado ao Pré-Carnaval começa a ganhar nova dimensão.

Ao observar em leituras de jornais locais, entre os anos 1997 e 2004, o modo como o Pré-Carnaval e o Carnaval da cidade eram operados, assim como para quais ações as pastas de cultura municipal e estadual ofereciam a atenção percebi que, nesse período festivo, o poder público oferecia suporte como apoio logístico de iluminação e organização do trânsito. Outro aspecto a destacar é que em muitas matérias jornalísticas destacava que Fortaleza não tinha a tradição do Carnaval e que a folia ocorria no litoral do Ceará, ficando na cidade somente aqueles que desejavam o descanso. Tais considerações sobre o Carnaval da cidade começam a ganhar outra roupagem entre os anos de 2005 e 2010, sobretudo com a implementação dos “editais da Cultura”. (CRUZ, 2010, p. 07).

No ano de 2005, o que se registra nos jornais é a falta de patrocínio para os blocos pré-carnavalescos e as já citadas dificuldades dos mesmos de colocarem os blocos nas ruas de Fortaleza. Também é em 2005 que surge a Associação dos Blocos Carnavalescos da Praia de Iracema (ABC da PI), criada pelo inventor do Pré-Carnaval de Fortaleza Jânio Soares, também por Dilson Pinheiro, dentre outros pré-carnavalescos. Segundo os criadores, a ideia da associação, além de ser uma forma de representar os blocos, também teve objetivos educativos e de formação de músicos.

De acordo com um dos associados e criador do pré-carnaval de Fortaleza, com a banda ‘Periquito da Madame’, Jânio Soares, o intuito é ensinar os jovens a tocar instrumentos, ministrar aulas de serigrafia e instruí-los a confeccionarem máscaras de carnaval com papel marchê. Começamos a brincar todos os anos e percebemos a decadência da Praia de Iracema, o abandono, as crianças roubando e se drogando e tivemos a idéia. O projeto já está em andamento, contou Jânio. As aulas serão realizadas em um galpão, conseguido pela Associação [...] É necessário uma maior assistência por parte dos órgãos públicos para reorganizar os mais de 20 blocos de pré-carnaval de Fortaleza. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2005, p. 9).

Somente em 2006 que é lançado o primeiro edital público de fomento ao Pré-Carnaval de Fortaleza.

A primeira edição do Edital de Fomento aos blocos de Pré-Carnaval aconteceu em 2006, com 40 blocos selecionados, que receberam R\$ 200.000 mil e ainda contaram com logística para o evento e ação conjunta de órgãos da Prefeitura. (PLANO DE GOVERNO COLIGAÇÃO FORTALEZA CADA VEZ MELHOR, 2008, p. 49).

Ainda sobre a decisão relacionada a subvenção e incentivo dados pelo poder público, o jornal Diário do Nordeste do dia 5 de janeiro de 2006 reporta declaração do Coordenador de Projetos Especiais da FUNCET, Márcio Caetano, que fala das intenções da Prefeitura:

O Pré-Carnaval está sendo pensado como uma atividade de forte valor econômico e social; nosso objetivo é dinamizar isto ainda mais (...) O Carnaval tem, sim, um grande potencial turístico e econômico, mas só se

fortalece como tal quando a população se reconhece na folia. (DIÁRIO DO NORDESTE, Caderno 3, 2006, p. 1).

Sobre o valor econômico/social e o grande potencial turístico mencionado pelo então Coordenador de Projetos Especiais da FUNCET, o que podemos perceber é que, enquanto ativo cultural, o Pré-Carnaval de Fortaleza começa a ser definitivamente reconhecido como uma atividade turística que possui valor econômico para a cidade.

A atividade turística fornece a possibilidade de empregar, com todos os indubitáveis benefícios que lhe derivam, os recursos naturais 'inutilizados' e o próprio patrimônio cultural e artístico de uma nação. É esta a justificativa principal dos encargos financeiros que comporta a instalação de atividade turística. A demanda dos turistas determina, enfim, um valor adjunto que permite o desfrute destes bens, que de outra forma não encontrariam outra utilização e obtém, através das diferentes alternativas de produção consequentes a este 'novo' processo econômico, o acréscimo efetivo das rendas nacionais. (SESSA, 1983, p. 38).

Aqui percebemos que a entrada do poder público no que diz respeito ao financiamento do Pré-Carnaval está justificado, também, a partir do turismo como um dos argumentos para a fomentação da cultura local e, a atração de turistas como consequência. Sendo, desta forma, oficializada a presença do Pré-Carnaval como um atrativo turístico de Fortaleza.

As festas, os costumes, danças, folguedos, histórias orais, podem servir para atrair a atenção e o interesse de muitas pessoas para conhecer um pouco mais o lugar e destes costumes, muitas vezes, inclusive, despertando nelas um desejo íntimo de vivenciarem a festa junto com a própria comunidade. Isto é possível quando uma cidade, consciente do seu potencial, resolve, com organização e parcerias, transformar estas manifestações culturais em atrativos turísticos, possibilitando, assim, oportunidades de negócios e empregos além da valorização da arte e identidade local. (MARTINS, 2003, p. 64).

Sobre o edital lançado em 2006, precisamente no Diário Oficial do Município do Fortaleza do dia 26 de setembro, o texto original afirmava que os projetos a serem inscritos deveriam ter como objetivos "o fortalecimento e a democratização do carnaval de Fortaleza e o apoio direto aos Blocos que fazem o Pré-Carnaval de Rua de Fortaleza, utilizando músicos de bandas de metais e sopros, charangas e percussão, pretendendo, desta forma, também assegurar a democratização do acesso aos recursos públicos municipais".

O item 2.1 do edital e que tratava "DAS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO" afirma que só "poderão participar do processo de seleção de que trata o presente Edital, os proponentes pessoas físicas e jurídicas sejam

representantes de Blocos dotados de natureza cultural, sem fins lucrativos, públicas ou privadas, em atividade na cidade de Fortaleza".

Importante observar que o texto ressalta que as propostas apresentadas deveriam "explicitar os benefícios resultantes do mesmo, as perspectivas de continuidade e desdobramentos, bem como prever a participação da comunidade local; e/ou outras propostas de contrapartida que julgar interessante realizar para o desenvolvimento do Pré-Carnaval de rua de Fortaleza". Desta forma, desde o início da nova prática de fomento adotada pelo poder público, podemos evidenciar a busca pela perpetuação das tradições relacionadas ao Pré-Carnaval de Fortaleza e o argumento relacionado ao turismo.

Sobre essa argumentação e a oficialização da participação do poder público, para Beni (1998, p.20), "o Turismo, como resultado do somatório de recursos naturais e meio ambiente, culturais, sociais e econômicos, tem um campo de estudo superabrangente, complexíssimo e pluricasual".

Sobre a avaliação dos projetos apresentados, o Edital destaca uma série de exigências em que é possível perceber o intuito de que o Pré-Carnaval de Fortaleza seja uma festa pública, comunitária, democrática e que valorize de forma plural as tradições locais.

Na avaliação dos projetos, a Comissão de Avaliação levará em conta os seguintes aspectos: a) Apoio direto aos blocos do pré-carnaval de rua e às condições de florescimento das suas expressões culturais; b) Projetos que utilizem mão-de-obra de associações e/ou trabalhadores da própria comunidade; c) Projetos que contribuam com a ocupação democrática e qualificada dos espaços públicos da cidade de Fortaleza; d) Projetos apresentados por blocos que não utilizem carros de som; e) Utilização de Bandinhas, charangas e Baterias de Escolas de Samba; f) Caráter inovador da proposta e a perspectiva de continuidade das ações; g) Blocos com maior tempo de existência; h) Enquadramento do Projeto nos Termos deste Edital. (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA, 26/9/2006, p. 7).

Desta forma, o Pré-Carnaval transformado em um argumento de atração turística e incluído no setor terciário devido a sua cadeia de serviços, pode ser enquadrado no conceito da "indústria sem chaminé" (CORIOLANO, 1998, p.19), já que agrega uma expressiva quantidade de serviços, o que resulta em consumo e desenvolvimento de uma série de atividades econômicas distintas.

Entretanto, verifica-se que a Prefeitura de Fortaleza não dispõe de fiscalização suficiente, sendo assim, as regras impostas nos Editais para o pré – carnaval são comumente quebradas e isso foi bem identificado nas nossas observações presenciais. Dentre as principais problemáticas apresentadas

identificamos a utilização de som mecânico e a questão da dificuldade de perpetuação das tradições, já que não se investe em formação de novos músicos, principalmente, os ligados aos instrumentos de sopro. É comum encontrar instrumentistas que se apresentam em mais de um bloco da cidade, além de instrumentistas vindos do interior do Estado para suprir a falta de músicos na capital.

O crescimento do Pré-Carnaval pode ser notado com a entrada oficial do poder público. Em 2007, 40 blocos foram às ruas apoiados pela Prefeitura com R\$ 200 mil. Em 2008, o investimento foi de R\$ 247,5 mil, divididos para 45 blocos. Cada um recebeu R\$ 5,5 mil. Para 2009, o investimento total nos blocos de rua selecionados através do Edital de Pré-Carnaval foi de R\$ 300 mil, distribuídos entre 50 blocos aprovados. Cada um recebendo o valor de R\$ 6 mil, através do edital público.

Já em 2010 e 2011 foram contemplados 50 projetos de blocos incentivados com R\$ 300 mil no total, cabendo a cada um o valor de R\$ 6 mil. Em 2012 foram destinados R\$360 mil para a fomentação de 60 blocos, com cada um recebendo R\$6 mil.

No ano de 2013, a Prefeitura de Fortaleza inicia uma nova gestão que tem a frente o Prefeito Roberto Claudio (PROS). Diante desta mudança de gestão o Pré-Carnaval de Fortaleza correu o risco de não acontecer devido a não publicação do edital de fomentação em 2012, pelo governo anterior. Sobre mais este caso de Pré-Carnaval, uma nota foi emitida pela Secretaria de Cultura de Fortaleza, que acabou confirmando a realização do período pré-momino com subvenção pública aos blocos.

Embora a gestão anterior não tenha viabilizado a publicação de um edital de fomento aos blocos, para garantir a execução da festa, a Prefeitura, através do patrocínio do Governo do Estado, Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, Ambev e Banco do Nordeste, repassa o valor de R\$ 6 mil – mesmo valor do edital de 2012 – para 50 blocos. As agremiações, que estão habilitadas para receber o auxílio, foram selecionadas por três critérios, sugeridos pelos próprios representantes dos blocos. São elas: ter sido selecionado nos editais dos últimos dois anos, ter a prestação de contas aprovada pela Prefeitura e ter sido bem avaliado pelos órgãos de fiscalização do Município.

Além do incentivo financeiro, a Prefeitura de Fortaleza apoia os blocos em geral, selecionados ou não, viabilizando as condições mínimas necessárias referentes à infraestrutura e logística, o que compreende: sinalização de trânsito, interdição de ruas, mudanças de rotas de ônibus, limpeza urbana, iluminação, segurança, controle do comércio ambulante e divulgação. Neste ano, o total de 73 blocos (incluindo os habilitados a receber o apoio

financeiro) deram entrada nas Secretarias Executivas Regionais (SERs) e tiveram autorização para desfilar/concentrar. Órgãos como a Guarda Municipal, Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza S/A (Etufor), Autarquia Municipal de Trânsito (AMC), Serviços Públicos e de Cidadania de Fortaleza e Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização (Emlurb) estarão a serviço dos blocos e brincantes durante os quatro finais de semana de festa.” (Site SecultFor, 11/01/2013)

Pelo conteúdo da nota da SecultFor podemos perceber que o modelo encontrado pelo poder público de financiar o Pré-Carnaval de 2013 foi a adoção de patrocínios de empresas privadas. O que gerou preocupação entre os produtores dos blocos e ritmistas. A sombra do modelo de gestão do Fortal ainda segue presente na memória dos que produzem o Pré-Carnaval.

Já para o ano de 2014 a Prefeitura de Fortaleza lançou novamente seu edital de fomentação do Pré-Carnaval e contemplou o total de 60 projetos de blocos, sendo 10 blocos estreados com uma saída cada, 10 veteranos para duas saídas e 40 blocos veteranos com quatro saídas. O valor total destinado ao edital de Pré-Carnaval foi de R\$ 384.000.

A política de editais de fomentação de cultura permanece até os dias de hoje com a Prefeitura de Fortaleza lançando o Edital de Ciclo Carnavalesco de 2015, que engloba não só o Carnaval, bem como o Pré-Carnaval de Fortaleza.

O Edital de 2015 selecionou 80 projetos de blocos, sendo 40 blocos veteranos para quatro saídas, 10 blocos veteranos para duas saídas, 15 blocos estreados para uma saída no período do Pré-Carnaval e 15 quinze blocos com uma saída no período do Carnaval. O valor total destinado ao Edital de Pré-Carnaval 2015 é de R\$ 420.000,00.

De acordo com o texto do edital, a novidade para 2015 é que os blocos veteranos, nas categorias de quatro e duas saídas, podem escolher, no ato da inscrição, como devem dispor seu cronograma de apresentações, podendo optar por compartilhar suas atividades nos períodos do Pré-Carnaval e do Carnaval, sem nenhum prejuízo futuro na prestação de contas. Desta forma, os blocos tradicionalmente Pré-Carnavalescos também ganharam a oportunidade de estender suas atividades para o Carnaval.

Segundo Tabares (1991, p. 26) *apud* Mota (2001) “a consolidação de um mercado não consiste somente em sustentar as correntes turísticas atuais, mas também em incrementar o mercado com sólidas políticas mercadológicas”.

Utilizando a qualificação de Martins (2003), que considera um produto turístico aquele que tem a capacidade de unir os setores primário, secundário e terciário de produção, através da presença de atrativos turísticos, equipamentos e serviços indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística, além de infraestrutura de apoio turístico.

Podemos considerar o Pré-Carnaval de Fortaleza como um produto turístico consolidado, porquanto, com a participação do poder público na sua gestão e fomentação, acaba por englobar todos os setores de produção, sendo por si só um atrativo turístico que envolve os meios de hospedagens da cidade, bem como serviços de alimentação, entretenimento, além de, atualmente, contar com a participação da prefeitura em no que diz respeito à segurança, fiscalização, ordenamento do trânsito, dentre outras atividades públicas.

#### 4.4 LEGISLAÇÃO E O PRÉ-CARNAVAL DE FORTALEZA

Outras ações públicas que devem ser mencionadas por terem reflexo direto na formulação de políticas públicas voltadas para o Pré-Carnaval de Fortaleza e na realização da folia foram: a criação da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SecultFor); a oficialização do Pré-Carnaval de Fortaleza como evento oficial do município e, a criação da Lei nº 9. 756, que ficou conhecida como a “Lei do Paredão”.

No ano de 2008 foi criada a Secretaria de Cultura de Fortaleza, de acordo com a Lei Complementar Nº 0054 de 28 de dezembro de 2008, que ficou responsável, dentre outras coisas, pela gestão do Pré-Carnaval. Aqui ressalto que a criação desta pasta específica para a Cultura foi uma decisão política prevista no Programa de Governo da prefeita Luizianne Lins, e até nas propostas de campanha da mesma, em 2004.

A decisão foi referendada em 2006, na ocasião da revisão da Lei Orgânica do Município. No documento em questão, o Município também colocou o compromisso em criar o Sistema Municipal de Cultura que, integrado ao Sistema Nacional de Cultura do Governo Federal, orientava a criação da Secretaria Municipal de Cultura, do Conselho Municipal de Política Cultural, do Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico-Cultural e do Fundo Municipal de Cultura, além de leis de incentivo e afins.

Sobre a criação da Secretaria de Cultura de Fortaleza, o que percebemos é que por um lado a cultura ganhou em valorização por parte do poder público, mas também, como consequência desta nova secretaria, o que se observa é a falta de trabalho coordenado entre a nova Secretaria e outras já existentes. No que diz respeito a Secretaria de Turismo e a Secretaria de Cultura, não foi registrado nenhuma parceria ou junção de forças por parte das pastas, o que acarreta em perda para o município.

A impressão que temos é que o Pré-Carnaval de Fortaleza se transforma num evento exclusivo da Secretaria de Cultura e com isso não recebe ajuda ou auxílio da Secretaria de turismo, no que diz respeito, principalmente, a divulgação do produto turístico para os visitantes da cidade. Isso, em decorrência, acarreta em prejuízo da construção do conceito de atração turística que é o Pré-Carnaval de Fortaleza.

Em 2011, por iniciativa do vereador de Fortaleza, Iraguassu Texeira, o Pré-Carnaval de Fortaleza foi elevado a evento oficial do município, o que acarreta uma série de obrigações do poder público como: divulgação em outros Estados; disponibilização de segurança; infraestrutura e iluminação. Segundo a justificativa do texto contido no projeto aprovado por unanimidade na Câmara dos Vereadores de Fortaleza, o argumento do turismo é uma das principais justificativas apresentadas no projeto.

Justifica-se a presente proposição por esta ser uma medida justa, haja vista que os blocos de pré-carnaval já fazem as suas comemorações, porém, sempre com algumas dificuldades, pois padecem da falta de regulamentação, que ora fazemos. Além disso, o período do pré-carnaval contempla o período da alta estação, onde muitos turistas de vários estados e países visitam nosso destino turístico e assim tem capacidade de fomentar ainda mais o alargamento de culturas em nosso município, ensejando ainda, por tabela, no acréscimo da arrecadação municipal. Assim, com o objetivo de facilitar a manifestação popular no ensejo municipal, solicito aos meus pares a devida aprovação. (CÂMARA DE FORTALEZA, Projeto de Lei 0004/2011).

Como já foi apresentado e demonstrado no trabalho, a utilização indiscriminada dos carros de som sempre foram um grande problema para o Pré-Carnaval de Fortaleza. Segundo o próprio Dilson Pinheiro, o “Quem é De Bem Fica” terminou após um episódio com donos de carros de som, que após as apresentações do bloco incomodavam a vizinhança com a potência dos sons.

Portanto, cabe ressaltar neste trabalho que também em 2011 foi aprovada pela Câmara de Vereadores de Fortaleza a Lei nº 9.756, de autoria do então



vereador de Fortaleza, Guilherme Sampaio (PT), que proíbe definitivamente a utilização de carros de som e dos ditos paredões de som nas ruas de Fortaleza.

De acordo com o inciso II, do artigo 6º, a "Lei do Paredão" prevê a proibição “em eventos do calendário oficial ou expressamente autorizados pelo Município, desde que façam parte de sua programação”. Já em 2012, uma matéria do Jornal O Povo relata o trabalho de apreensão dos equipamentos pela Secretaria do Meio Ambiente e Controle Urbano (SEMAM), em pleno Pré-Carnaval e cita que as músicas dos sons mecânicos são contrárias às previstas nos editais que buscam a perpetuação das tradições.

O fim de semana de Pré-Carnaval resultou na apreensão de cinco paredões de som, só na Praia de Iracema. São seis os equipamentos apreendidos pela SEMAM em 2012. E a fiscalização vai continuar [...] O funk de duplo sentido ecoava pela avenida Monsenhor Tabosa. Estacionado irregularmente na esquina com a rua Dom Joaquim, o carro garantia a festa de algumas moças, que reboavam até o chão, mas perturbava o sossego de motoristas parados no engarrafamento de fim de festa e moradores da região. Ignorando a legislação municipal, os paredões de som fazem parte da paisagem – e da trilha sonora – do Pré-Carnaval de Fortaleza. (O POVO, 2012).

Segundo matéria do Diário do Nordeste publicada em 15 de fevereiro de 2013, “a Prefeitura de Fortaleza apreendeu 46 paredões de som somente no período do Pré-Carnaval e durante o Carnaval deste ano da Capital Cearense”. Já em 2014, foi registrada pela Prefeitura a apreensão de 95 paredões de som em Fortaleza, durante o período do Pré-Carnaval, que iniciou no dia 31 de janeiro e foi até o dia 23 de fevereiro.

Desta forma, o Pré-Carnaval de Fortaleza segue modificando a cidade no período compreendido a alta estação e influenciando o comportamento de seus moradores, tendo reflexo, também, na legislação que conduz a sociedade fortalezense e no impacto sobre a cidade em seus dias de folia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho exposto investigamos a origem, expansão e influência do Pré-Carnaval na cidade de Fortaleza, bem como suas contribuições como um produto turístico cultural da cidade de Fortaleza, além do papel do poder público em relação a participação e gestão da manifestação cultural em questão.

O carnaval em Fortaleza, durante todo o século XX, seguiu registrando um crescimento contínuo e uma expansão para todo o Estado. Destacamos que a partir da década de 1930, a participação da população de Fortaleza no carnaval foi sempre crescente, seja nos festejos dentro de clubes e nos festejos de rua. Desta forma, participativa, foi que surgiu o Pré-Carnaval de Fortaleza.

A ampliação da participação popular pré-carnavalesca foi também garantida novamente pela essencial intervenção da imprensa, agora, no envolvimento dos sistemas de comunicação e na promoção e difusão das festas realizadas com trios elétricos, principalmente nos anos de 1990. Os sistemas de comunicação, que integram a indústria cultural, vislumbraram a possibilidade dos brincantes se envolverem nas comemorações, favorecendo os diversos setores produtivos da indústria, do comércio e dos serviços.

Desta forma, o poder público, a imprensa local e o empresariado, interessados no desenvolvimento da indústria cultural e do turismo, abriram mão do apoio aos blocos de rua e manifestações tradicionais do pré-carnaval de rua, associando-se na defesa do carnaval-participação, animado pelos trios elétricos e suas bandas de ritmos variados. O que acabou resultando no esvaziamento do Pré-Carnaval dos trios e no ressurgimento da folia atual, popular e aproximada das suas origens.

Sobre a origem e seus desdobramentos, percebemos que o Pré-Carnaval de Fortaleza tem origem popular e espontânea, sendo fruto de ações de pequenos grupos culturais da cidade de Fortaleza.

A censura do poder público aparece na história como um fator inibidor da folia popular e um catalisador dos festejos privados que eram realizados nos clubes. Portanto, a censura apenas beneficia as castas superiores da sociedade que se isolavam das ruas para brincarem em festas particulares.

A partir do depoimento de atores importantes para a realização da folia, podemos concluir que a presença e gestão do poder público se mostra essencial para o crescimento, manutenção e ampliação da festa pré-carnavalesca.

Somente a partir da entrada oficial do poder público, que o Pré-Carnaval de Fortaleza deixou de ser uma expressão cultural setorizada, restrita a alguns bairros e localidades de Fortaleza, para se tornar um atrativo turístico da cidade, estando atualmente presente em todas as regiões do município.

Fica comprovado que é a partir da oficialização da participação do poder público, enquanto parceiro dos blocos e dos brincantes, que o Pré-Carnaval de Fortaleza ganha em dimensão e participação popular. Sendo o argumento do atrativo turístico deveras relevante tanto para o poder público, quanto para os que participam desta cadeia produtiva criada pela manifestação cultural.

Todavia, também evidenciamos que o repasse das verbas destinadas ao Pré-Carnaval e ao Carnaval sofrem seguidos atrasos e isso dificulta a viabilização e produção dos blocos pré-carnavalescos. Essa liberação dos recursos precisa ser melhor trabalhada para que seja feita com antecedência.

Outro quesito identificado foi a ausência de um trabalho coordenado entre as Secretarias de Cultura e Turismo acaba por enfraquecer a divulgação e o alcance do Pré-Carnaval em relação aos turistas que ocupam os hotéis da cidade, no período de alta estação. Nenhuma ação concreta por parte do poder público é registrada para atrair esses turistas para a participação no Pré-Carnaval.

Diante do que foi e vem sendo exposto nas matérias dos jornais de grande circulação e nos balanços publicados pela Prefeitura, o que podemos perceber é que "Lei do Paredão", uma legislação oriunda das demandas criadas pelos organizadores do Pré-Carnaval, está sendo aplicada e, ao mesmo tempo, vem sendo desrespeitada por recalcitrantes no período do Pré-Carnaval. O que somente reforça a necessidade de uma legislação apropriada para este tipo de evento<sup>82</sup> e cultural da cidade.

Apesar de ser um atrativo turístico oficial, já que é um evento oficial do município e conta com verba e auxílio do poder público, a Prefeitura de Fortaleza não trabalha o Pré-Carnaval como uma atração turística, sendo o trabalho direcionado apenas para o público da cidade de Fortaleza e interior do estado, sendo este trabalho feito somente através de divulgação em veículos de comunicação local.

Durante o trabalho não ficou evidenciada nenhuma campanha da Prefeitura de Fortaleza em que haja direcionamento da divulgação com o fim de atrair turistas de outros estados ou internacionais. Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria de Cultura de Fortaleza, o trabalho é direcionado apenas localmente.

A partir da efetiva participação e subvenção pública houve um exponencial crescimento dos blocos, o que nos leva à preocupação de que em algum momento imprevisível onde uma nova gestão da Prefeitura de Fortaleza decida não mais subsidiar os blocos de Pré-Carnaval, a folia pré-momesca poderá novamente enfraquecer e findar.

Como foi colocado no trabalho, outra questão preocupante em relação a participação do poder público no Pré-Carnaval é a ausência de investimentos na formação de novos músicos, o que acabará por impossibilitar a perpetuação da tradição pré-carnavalesca.

É necessário o estímulo à renovação dos músicos e batuqueiros que fazem os blocos da cidade. Somente desta forma a cidade de Fortaleza continuará a oferecer aos visitantes e moradores um excelente produto cultural popular.

Porquanto, o Pré-Carnaval de Fortaleza representa um relevante, consolidado e valioso produto turístico da cidade, além de se constituir numa importante parcela da diversidade cultural da cidade, tanto por sua identidade, quanto no que diz respeito à criatividade no contexto cultural local, além de se apresentar como uma ferramenta de interação e inclusão social para seus participantes, moradores, turistas e todos que frequentam a cidade de Fortaleza no período da alta estação.

## REFERÊNCIAS

- ALBIN, Ricardo Cravo. *Vai passar nessa avenida um samba popular*. In: KAZ, Leonel; LODDI, Nigge (org.). **Meu Carnaval Brasil**. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2008.
- ALENCAR, Edgar. **O Carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 5ª edição, 1985.
- AZEVEDO, Ricardo. **Abençoado & danado do samba: um estudo sobre o discurso popular**. São Paulo: Editora USP, 2013.
- BARBOSA, Jaidon Correia. **A praia de Iracema dos anos 50**. Fortaleza: Premium, 1ª edição, 2010.
- BRASILEIRO, Maria Dilma Simões; MEDINA, Julio Cabrera; CORIOLANO, Luzia Neide (org.). **Turismo cultura e Desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- BRAZ, Marcelo (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 1.ed., 2013.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC - SP, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: ALEPH, 2ª edição, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Política e planejamento do turismo no Brasil**. São Paulo: ALEPH, 3ª edição, 2006.
- BORGES, Lúcia de Souza. **Carnaval de Fortaleza: tradições e mutações**. Fortaleza, CE: Tese de Doutorado em Sociologia, UFC, 2007.
- CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX o social e o urbano**. Fortaleza, 1984. Disponível em: <<http://www.eduardocampos.jor.br/livros/e12.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- CARNAVAL carioca. **Ritual, fantasia e identidade**. Disponível em: <<http://www.lapac.faed.udesc.br/ritual%20fantasia%20identidade%20carnaval%20ca-riocachris%20%20lopes.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **As Alegorias no Carnaval Carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, UFRJ. Rio de Janeiro, v.3, n. 1, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 3ª edição, 2006b.
- CORIOLANO, Luzia Neide. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papirus, 1998.
- \_\_\_\_\_. (org.). **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Turismo, território e conflito imobiliários**. Fortaleza: Ed. UCE, 2012.
- CORREIO Governamental. **Sobre o 1º grupo de turistas do RJ e a primeira lei de incentivos fiscais**. Século XIX e XX. Disponível em:

<http://correiogovernamental.com.br/turismo02turismo03brasilseculo19e20.htm>;  
acesso em: 15 maio2014.

CRUZ, D. M. Políticas culturais em Fortaleza: a experiência dos editais municipais de fomento ao carnaval. In: **Seminário Internacional Políticas Culturais: teoria e práxis**, 2010, Rio de Janeiro. Seminário Internacional Políticas Culturais: teoria e práxis. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/09-DANIELLE-MAIA-CRUZ.1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

CUCHE, Denis. Cultura e identidade. **Revista Antropológicas**, ano 14, vol.21(1): 99-127, 2010.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto; TELLES, Mario Ferreira de Pragmácio; COSTA, Rodrigo Vieira. **Direito a Arte e a Cultura**. Fortaleza: Sebrae/CE, 2008.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **Universo do Carnaval: Imagens e reflexões**. Rio de Janeiro: Pinakothk, 1981.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues. **Fundamentos do turismo: conceito, norma e definições**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2002.

DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social: as regras do método sociológico; o suicídio; as formas elementares da vida religiosa**. In.: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2004.

FÓRUM de ciência e cultura. **Ritual, drama e performance na cultura popular: uma conversa entre a antropologia e o teatro**. UFRJ. Rio de Janeiro: Séries Passagens, n.12,18p, 2011.

GAUDIN, Benoit. 2000. "Da Mi-carême ao Carnabeach: história da(s) micareta(s)". **Tempo Social**, 12(1):47-68.

GAUDIN, Jean-Pierre. A governança moderna, ontem e hoje: alguns esclarecimentos a partir das políticas públicas francesas. In: **Teoria e Sociedade**. Belo Horizonte: UFMG, nº 4, out. 1999. P. 247-272.

GIRAO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Banco do Brasil. S.A. 2ª Edição, Fortaleza, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 6ª edição, 2001.

Hall, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (1ª impressão revista) Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984.

INAUGURAÇÃO do hotel Avenida. **Memória da destruição**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatie/10112/42044304101439/memoriadadestruicao.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

KAZ, Leonel; LODDI, Nigge (org.). **Meu carnaval brasil**. Vários autores. Rio de Janeiro: Aprazível edições, 2008/2009.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LIMAVERDE, Narcélio. **Fortaleza antiga**. Fortaleza: INESP, 2011.

LOPES, Marciano. **'Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40'**. Fortaleza: ABC, 4ª ed, 1996.

MARTINS, José Clerton de Oliveira (org.). **Turismo, cultura e identidade**. - São Paulo: Roca, 2003.

MOTA, Keila Cristina Nicolau. **Marketing turístico: promovendo uma atividade sazonal**. São Paulo: Ed. Atlas, 2001.

NIREZ – **Arquivo pessoal**, 1991.

\_\_\_\_\_. **Arquivo pessoal**, 1993.

O POVO. **Assim nasceu o pré-carnaval**. 2010. Disponível em:

<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2010/01/20/noticiasjornalvidaearte.946788/assim-nasceu-o-pre-carnaval.shtml>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya Oliveira. **Fortaleza: Velhos Carnavais**. Fortaleza: UFC, 1997.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. **A travessia do avesso: sob o signo do carnaval**. São Paulo: Annablume, 1ª edição, 1996.

PIRES, Sérgio. **Ispaiá Brasa, O bloco que foi Escola**. Fortaleza: Equatorial Produções, 1ª edição, 2004.

PLANO de Governo Municipal. 2008. Disponível em :

<http://download.uol.com.br/eleicoes2008/fortaleza-luizianne.pdf> ; acesso em 15 fevereiro2015.

MOREL, Carlos Hernán. Políticas oficiales y patrimonialización en el carnaval porteño. **Runa** v.29. Ciudad Autónoma de Buenos Aires ene./dic. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-96282008000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-96282008000100007&script=sci_arttext). Acesso em: 18 fev. 2015.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e glamour na Fortaleza 1950-1970**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social 1860 – 1930**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 4ª edição, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito**. São Paulo: Brasiliens, 1ª edição, 1999.

RAMOS, Silvana Pirillo (org.). **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto alegre, RS: Asterisco, 2012.

REVISTA ANTROPOLOGIA. **Os sentidos do espetáculo: percepção e cognição na cultura popular contemporânea**. USP, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 4ª edição, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Espaço e a Sociedade (Ensaio)**. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Homem e o Espaço**. São Paulo: Hucitec, 4ª edição, 1997.

\_\_\_\_\_. **Território: Globalização e Fragmentação**. Hucitec, 5ª edição, São Paulo, 2002.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1ª edição, 1986.

SESSA, Alberto. **Turismo e política de desenvolvimento**. Porto Alegre: Union Tur, 1983.

SETUR. **Alta estação e turismo**. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/12202-alta-estacao-trouxe-mais-de-um-milhao-de-turistas-ao-ceara>. Acesso em: 23 fev. 2015.

SODRÉ, Muniz – **Samba, o dono do corpo: ensaios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2ª edição, 1998.

SOUZA, Simone. **A história do Ceará**. UFC, Fundação Demócrito Rocha. Fortaleza: Stylus Comunicação, 1989.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1974 [1969].

VIEIRA, Vanus Melton Gadelha. **Ideal Clube: histórias de uma sociedade: memórias, documentos e evocações**. Fortaleza: F & N Editora, 2003.

VIANA JÚNIOR, Mario Martins; BARBOSA, Carlos Henrique Moura; ALVES, Raquel da Silva (org.). **Fortaleza sob Outros Olhares: Cultura & Cidade**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.